

PREÂMBULO

DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA HUMANA

“Nós devemos nos tornar conscientes de uma forma superior de comunidade fundada no amor entre os irmãos e liberdade de pensamento” (Rudolf Steiner).

Para o desenvolvimento da consciência humana, alguns fatores são essenciais, como a ciência, a educação, a cultura, bem como os valores da dignidade, cooperação e fraternidade, indispensáveis à sua percepção e plenificação. Lembremo-nos de que a consciência abrange copiosos aspectos e contextos – políticos, sociais, culturais, espirituais - onde solidariedade e altruísmo afloram como alicerces inarredáveis do bem estar comum.

A terra pertence a todos e como cenário de vida e experiências evolutivas, tem como função satisfazer as necessidades de todos, material e espiritualmente. Jamais de meia dúzia de laureados. O filósofo norte-americano John Rawls (1921-2002) que estudou com afinco as relações e teorias de justiça entre o cidadão e o Estado, defende a expansão/consolidação dos direitos civis, a reforma e abolição de leis, em especial as que distribuem privilégios a mancheias a grupos específicos, ou seja, a objeção de consciência, se necessária a desobediência civil, para que o cidadão possa exercer plenamente sua individualidade de forma racional, razoável e universal.

Os interesses materialistas, dentre tantos a busca incessante e insensata de lucros, não podem estar acima dos valores e dos interesses maiores da sociedade. Vivemos já tempos exigentes quanto à percepção abrangente da vida, da alma. Inaceitável que sejamos continuamente subjugados por mecanismos perniciosos e aviltantes como a obtenção de vantagens ilícitas, de lucros exorbitantes, de conquistas pessoais ou classistas à custa da miserabilidade alheia. Elites detentoras do poder econômico e político vivendo ainda estágios de sonambulismo generalizado, encasteladas e apegadas a compartimentos esterilizados pela ganância, egoísmo, individualismo, indiferença, enquanto, do outro lado, os tambores proclamando mudanças, anseios de liberdade e dignidade comum, ainda que mesclados de conflitos, de pandemias, agonias sem fim...

Polêmicas no Senado

Reuniões do Congresso são polêmicas – e como dizem por aí, “não é de hoje”. Registros de 1843, ainda no Brasil Império, provam que política e jogos de poder fazem parte da nossa História com maior frequência e intensidade do que gostaríamos.

Pág. 3

Cruz e Sousa

“Nesses silêncios solitários, graves/ Que chaveiro do Céu possui as chaves / Para abrir-vos as portas do Mistério?”, escreveu Cruz e Sousa, considerado o mais importante poeta do Simbolismo. Nos 160 anos de seu nascimento, o Boletim Sabores & Saberes traz sua (interessantíssima) biografia completa.

Pág. 4

Outros nomes

O nome é “São Tiago”, histórica e oficialmente, em homenagem ao padroeiro peregrino. Já o apelido é “Terra do Café-com-Biscoito”, numa referência carinhosa ao sabor que serve à mesa e à grande potência econômica que se tornou. As denominações do território são-tiaguense, porém, não se esgotam aí – ao menos quando se olha para trás. E é sobre elas que falamos na

Pág. 6

A flecha envenenada

“Era uma vez um homem que foi ferido por uma flecha envenenada. A família e os amigos queriam chamar um médico, mas o paciente recusou, dizendo que antes queria saber o nome do homem que o havia ferido, a casta a que pertencia e seu lugar de origem”.

Pág. 11



A arte de André Bello

As fotos são em preto-e-branco, mas o efeito em quem tem a oportunidade de vê-las, é cheio de cor. Antes, muito antes de um mundo digital e altamente compartilhável, o imigrante André Bello trouxe para São João del-Rei toda a “modernidade e o progresso em termos de Fotografia” que se podia esperar no início do século XX. Uma ousadia que quebrou paradigmas, um artista das lentes e do olhar.

Pág. 12

ADIVINHAS

1. O que é, o que é: subo e desço, mas nunca me mexo.
2. O que é, o que é: vai e vem, mas sem sair do lugar?
3. O que é, o que é: somos muitos, numa casa só vivemos. Se coçam nossas cabeças, num instante morremos?
4. O que é, o que é: põe o mundo a dançar, tem notas e não é dinheiro?

Respostas: 1 - a escada; 2 - a porta; 3 - os fôstros; 4 - a música

Provérbios e Adágios

- Em cima de queda, coice.
- Em terra de sapos, de cócoras com eles.
- Em rio de piranhas, jacaré nada de costa.
- Estar claro, como água.
- Escreveu não leu, o pau comeu.
- Enquanto há vida, há esperança.
- Entre duas pedras, só coco.



Para refletir

- A prisão não são as grades e a liberdade não é a rua; existem homens presos na rua e homens livres na prisão. É uma questão de consciência. *(Mahatma Gandhi)*
- O homem tem duas faces: não pode amar ninguém se não se amar a si próprio. *(Albert Camus)*
- Ultrapassa-te a ti mesmo a cada dia, a cada instante. Não por vaidade, mas para corresponderes à obrigação sagrada de contribuir sempre mais e sempre melhor. Mais importante que escutar as palavras é adivinhar as angústias, sondar o mistério, escutar o silêncio. Feliz de quem entende que é preciso mudar muito para ser sempre o mesmo". *(D. Hélder Câmara - 1909-1999)*

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e todas as pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Davy Antonio Silva Reis

Revisão: Fábio Antonio Caputo e Sandra Regina Almeida Caputo

Jornalista Responsável: Marcus Santiago – MTB 19.262/MG

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro

São Tiago/MG - CEP: 36.350-000

Tel.: (32) 3376-1286

AO PÉ DA FOGUEIRA O SALVADOR

A notícia, deveras auspiciosa, trouxera ânimo, júbilo. A bem da verdade, euforia, exultação, para as dezenas de filiados da agremiação e moradores na localidade e adjacências. A modesta associação de empreendedores que, há anos, lutava com dificuldades administrativas e financeiras, gestores fracos, ainda que devotados, decerto, agora ganharia impulso, fôlego, sangue novo, sairia do marasmo, o barco ganharia mar alto.

A razão do regozijo: poderoso empresário, com negócios na região, se dispusera a dirigir a entidade, e segundo ele, sem quaisquer ônus, abdicando inclusive de qualquer remuneração (os estatutos previam uma "verba de representação" para o presidente, coisa de salário e meio, à época). Homem de posses, empresário de sucesso, de vasto trânsito social, frequentador de rodas as mais "graúdas", família conceituada. Suas propostas iam além: colocaria a estrutura de suas empresas a serviço da associação. Viagens, despesas com material de consumo, maquinários, eventuais custos de comunicação e publicidade, cursos de qualificação de pessoal, ele assumiria, desonerando a entidade. Propunha-se, enfim, a um ambicioso "choque de gestão" à frente dos destinos da singela instituição. Palavras, promessas... Quantas expectativas...

Dali a semanas, eis o nosso salvador, o nosso Dom Sebastião, eleito e galhardamente empossado na presidência, para um mandato de 3 anos. Gestão que, para encurtar conversa, para atalhar o assunto, foi um malogro. Aquele oba-oba, farolagem, sofisticação. O homem administrara socialmente. Sempre sorridente, tratável, festinhas, almofadinhas, formalismos, fatuidades. Realizações, investimentos, porém, nada. Gestão insossa, estéril. Nada palpável. Assim passaram os três anos, deixando um vazio, um trago de frustração em todos. O barco ganhara apenas um comandante risonho, jactancioso, um verniz no casco, mas não saíra do lugar. É bem verdade, que, nesse período, o presidente – conforme se comprometera, quando candidato – não recebera proventos, nem apresentara despesas de viagens, locomoção à tesouraria da associação, aliviando-lhe os combalidos cofres.

Aproximando-se o final do mandato, percebendo-se talvez desgastado, informou que, por razões pessoais, homem de vastos compromissos que era, não mais continuaria à frente da instituição. Nova diretoria é, assim, eleita com as velhas propostas de buscar o crescimento institucional e melhorias para seus associados. Diretoria que, 40 ou 50 dias após a posse, levaria um susto, dessa vez um "choque de gestão" real. Recebera uma notificação extrajudicial, com registro em cartório, contendo dados e números aterradores. O ex-presidente – que se propusera a trabalhar gratuitamente – cobrava, com juros e mora, os 3 anos de seus proventos, à frente da associação, além de relatórios e anexos com discriminação de custos de viagens, até aéreas, a "serviço da entidade", despesas de telefone, material de expediente etc. Uma fortuna, excedendo, à época, mais de 50 mil reais. Reunida, a nova diretoria, após avaliar custos processuais, desgastes, optou pelo acerto, tendo, para tanto, que valer-se de empréstimos bancários, dispor de alguns bens e com uma dura, dupla lição: Não acreditar em "salvadores" e muito menos em palavrórios...

ASSOCIAÇÃO DOS EMPREENDEDORES



Realização:



Patrocínio:



Apoio Cultural:



O PAÍS DO ATRASO

Uma sessão do Senado do Império – 1843

O Brasil é vítima do atraso, do anacronismo por parte de seus governantes. Disso somos todos testemunhas.

Aqui, frequentemente, andamos para trás não só nos dias atuais mas desde tempos avoengos. Basta consultar os anais e arquivos oficiais, como os do Senado. O jornalista Élio Gaspari (jornal “O Globo” 19/09/21, p. 12) retrata uma sessão do Senado do Império dia 23/02/1843 onde se discutia o projeto do Dr. Thomás Cochrane de isenções tributárias e subscrição de ações de uma empresa interessada na construção de uma ferrovia entre Rio e São Paulo.

Proposta rejeitada, principalmente pela veemência dos senadores Carneiro Leão (futuro Marquês do Paraná) e Bernardo Pereira de Vasconcelos, todos escravagistas mais preocupados com a proibição do tráfico de escravos e a pressão da Inglaterra no combate ao nefando comércio (este só terminaria em 1850 quando a marinha inglesa passou a bloquear os portos brasileiros).

Bernardo Pereira alegou os altos custos de construção, cerca de 30 mil contos de réis, que segundo ele, exigia “duas estradas, uma de vinda, outra de volta” sendo corrigido pelo senador pernambucano Holanda Cavalcanti nos seguintes termos: “O nobre senador baseia o seu cálculo em dois trilhos de ferro na extensão de trinta léguas e diz que são precisos 30 mil contos de réis; ora e se eu lhe disser que podemos fazer a estrada em um só trilho?”.

Bernardo Pereira de Vasconcelos, grande jurista e senador mineiro, uma das maiores expressões do País a época, achava que uma ferrovia precisava de dois pares de trilhos – um para a ida, outro para a volta...

Outro adversário do auspicioso projeto das ferrovias foi o senador Luiz José de Oliveira Mendes, futuro Barão de Monte Santo, que alegou “Ainda não temos estradas nem de barro, como queremos pois construir uma de ferro e com tão grande extensão! Para passar por ela o quê? Quatro bestas carregadas de carvão em um ou outro dia?”.

Hilaridade no plenário...

Naqueles tempos, os Estados Unidos contavam 4.500 quilômetros de trilhos e já em 1888 eram 320 mil quilômetros de ferrovias. A 1ª locomotiva brasileira só circularia em 1854, quando os Estados Unidos contavam mais de 15.000 quilômetros de trilhos.



A proposta de Cochrane foi enfim rejeitada. Ora, para quê progresso?! Para que ferrovias?

Praticamente todas as sessões dos senadores, naquele dia, seriam destinadas a aumentar pensões e prebendas para a turma do andar de cima do Estado, os privilegiados e comensais que sugam os recursos do Erário e nos mantem no anacronismo há séculos. Todo o dinheiro público, enfim, é carimbado, nada sobrando para investimentos!

Ainda uma trágica coincidência: grassava à época uma grave epidemia de febre amarela tendo Bernardo Pereira – que ia às sessões de cadeira de rodas por ter quebrado a perna – declarado em sessão do Senado (abril/1850): “Estou persuadido de que se tem apoderado da população do Rio de Janeiro um temor demasiado, que a pandemia não é tão danosa como se tem persuadido muitos; não é a febre amarela que reina.”

O senador como tantos que defendiam o contrabando de escravos e se indignavam com os ingleses por combater o citado tráfico negreiro, acabaria morrendo no dia 1º de maio de 1850, de febre amarela.

O embaixador inglês anotou em seu relatório diplomático: “Sua morte (de Bernardo Pereira) removerá um dos principais obstáculos para a supressão do comércio de escravos neste país”.

Em data de 13 de agosto o Senado aprova o projeto que proibia o contrabando de escravos.

Precisamos de muitos pesquisadores para escarafunchar os anais públicos para verificarmos o tamanho dos absurdos praticados pelas elites e por espertalhões de todo tipo contra a impávida e roubada nação pátria!

EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE INCERTEZAS

Como trabalhar e lidar com a incerteza, a instabilidade do ponto de vista educacional?

A humanidade vive, de algum tempo, uma incógnita, seja ante os graves problemas econômicos, geopolíticos, climáticos, seja com a vigência de pandemias.

Segundo o professor finlandês, Pasi Sahlberg, hoje professor de Política Educacional na Universidade de New South Wales, Sidney e referência mundial no assunto (consultor da ONU), a criatividade e flexibilidade são características fundamentais. As escolas, a exemplo do que ocorre em países nórdicos, necessitam ter autonomia, principalmente metodológica, não podendo ficar presa a escopos dos órgãos oficiais ou a rituais passivos de aprendizagem.

“Aprender não é algo que acontece quando o professor manda e você faz, mas sim quando você vai à escola e diz: “Olá, professor, eu gostaria de aprender sobre isso e aquilo.” Precisamos mostrar às crianças e aos jovens como assumir este tipo de iniciativa, de liderança e projetos próprios e sustentáveis” afirma o prof. Sahlberg.

O processo educacional não se restringe às disciplinas. “Temos que trabalhar a segurança, o bem estar de nossas crianças e jovens. Temos que oferecer-lhes acolhida ante tantas situações de medo, perdas, sofrimentos. Dizer-lhes: Como você e sua família estão? Como foi esse período para você?”

“Não precisamos ficar relembando aos alunos como será o futuro, em si imprevisível. Precisamos que tenham certeza de que estaremos aqui amanhã e depois de amanhã por eles e que vamos cuidar deles para que estejam bem e que possam adquirir habilidades e a capacidade de agir e de se responsabilizar por suas próprias ações”.

O professor Sahlberg é por sua vez, um defensor intransigente das atividades lúdicas (brincadeiras e intervalos livres), que devem compor o arcabouço escolar. Autor, a esse respeito, de um best-seller “Let the children play” (“Deixem as crianças brincarem”) como forma de estruturação socioemocional, humanização e harmonização de todo o processo educacional. “Criança tem que brincar” diz taxativo.

(Fonte: O Globo, 12/09/21, p. 31)

CRUZ E SOUSA

160 anos de nascimento

Cruz e Sousa, poeta negro catarinense, está registrado na história da literatura brasileira como o mais importante poeta do simbolismo. Filho de pais negros escravizados, foi apadrinhado ainda criança pelo senhor de escravos, recebendo, como afilhado, uma educação formal erudita, o que lhe possibilitou acesso ao melhor da literatura de sua época.

Apesar de ser um intelectual à altura de qualquer outro, sua condição de homem negro impôs-lhe o preconceito racial ao longo de sua vida. Atento à realidade que o cercava, tornou-se um atuante abolicionista, autor de poemas e textos em prosa contrários à escravidão.

Cruz e Sousa, apesar de conviver com a aristocracia intelectual e ser um poeta brilhante, não foi poupado de ser vítima de preconceito por ser negro.

Biografia de Cruz e Sousa

João da Cruz e Sousa, conhecido no mundo literário como Cruz e Sousa, nasceu em 21 de novembro de 1861, na então cidade de Desterro, hoje nominada Florianópolis, capital de Santa Catarina.

Seus pais foram o mestre pedreiro Guilherme da Cruz e a lavadeira Carolina Eva da Conceição, ambos negros escravizados alforriados. Cruz e Sousa recebeu, como de costume na sociedade escravocrata, o sobrenome e a proteção do senhor de escravos que o apadrinhou, o coronel Xavier de Sousa, recebendo educação formal, ao passo que seus pais continuaram vivendo uma vida de subjugação.

Aos oito anos de idade, Cruz e Sousa iniciou seu gosto pela poesia, ocasião em que declamou versos de sua autoria, os quais homenageavam o retorno do coronel Xavier de Sousa da Guerra do Paraguai.

Entre 1871 e 1875, o jovem poeta cursou, como bolsista, o Ateneu Provincial Catarinense, estabelecimento educacional de elite. Teve como professor de ciências naturais o naturalista alemão Fritz Muller, amigo e colaborador de Darwin. Muito inteligente, Cruz e Sousa destacou-se em matemática e línguas estrangeiras, como francês, inglês, latim e grego.

Além dessas áreas do conhecimento, o poeta foi leitor voraz de escritores como Baudelaire, Leopardi, Antero de Quental, Guerra Junqueiro, entre outros autores europeus que lhe eram contemporâneos. Essa imensa bagagem cultural, porém, não o privou de ser vítima de racismo, em um contexto altamente escravista.

Em 1881, viajou de Porto Alegre até São Luís, no exercício da função de secretário da Companhia Dramática Julieta dos Santos. Essa viagem possibilitou-o ampliar seus horizontes acerca das condições em que eram mantidos os negros nos anos finais da escravidão.

Pouco tempo depois, Cruz e Sousa engajou-se na campanha abolicionista e, na Bahia, proferiu um discurso, com um poema seu em homenagem a Castro Alves sendo transcrito em jornal local.

O poeta, assim, inseriu-se de vez na vida literária, fundando, com Virgílio Várzea e Santos Losada, em Santa Catarina, o jornal semanal Colombo, periódico literário de cunho parnasiano. Participou também do grupo Ideia Nova, e, em 1885, publicou, com Virgílio Várzea, o livro Tropos e fantasias, obra em que se encontram textos abolicionistas. Dirigiu o jornal ilustrado O Moleque, fortemente discriminado pelos círculos sociais locais devido ao seu viés crítico. Colaborou no jornal republicano e abolicionista Tribuna Popular, considerado o mais ilustre jornal catarinense do período.

Em 1890, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde colaborou com diversos veículos de comunicação, nos quais publicou artigos-manifestos do simbolismo. Conviveu intelectualmente com Raul Pompéia e com Olavo Bilac. Em 1893 lançou um de seus principais livros, a obra de poemas em prosa Missal, e Broquéis, livro de poemas.

Casou-se com a jovem negra Gavita Rosa Gonçalves, com quem teve quatro filhos. A família sofreu vários problemas financeiros, em razão dos baixos salários recebidos nos postos modestos que ele assumiu. Para agravar a situação, sua esposa desenvolveu distúrbios mentais após o nascimento do segundo filho.

Acometido pela tuberculose, mudou-se para o interior a fim de melhorar sua saúde. Entretanto, a doença não se estabilizou, e o poeta morreu, em 19 de março de 1898, aos 36 anos de idade na cidade de Antonio Carlos – MG.

Obras de Cruz e Sousa

- Broquéis (1893) – poesia
- Missal (1893) – poemas em prosa
- Tropos e fantasias (1885) – poemas em prosa (parceria com Virgílio Várzea)

Obras póstumas

- Últimos sonetos (1905)
- Evocações (1898) – poemas em prosa
- Faróis (1900) – poesia
- Outras evocações (1961) – poemas em prosa
- O livro derradeiro (1961) – poesia
- Dispersos (1961) – poemas em prosa



POEMAS DE CRUZ E SOUSA

Cárcere das almas

Ah, Toda a alma num cárcere anda presa,
Soluçando nas trevas, entre as grades
Do calabouço olhando imensidades,
Mares, estrelas, tardes, natureza.
Tudo se veste de uma igual grandeza
Quando a alma entre grilhões as liberdades
Sonha e, sonhando, as imortalidades
Rasga no etéreo Espaço da Pureza.
Ó almas presas, mudas e fechadas
Nas prisões colossais e abandonadas,
Da Dor no calabouço, atroz, funéreo!
Nesses silêncios solitários, graves,
Que chaveiro do Céu possui as chaves
Para abrir-vos as portas do Mistério?!
(Poesia completa)

Nesse poema, Cruz e Sousa expressa os principais aspectos formais e temáticos que caracterizaram o simbolismo, como o sofrimento humano, que se manifesta, ao longo dos versos, por meio da oposição entre corpo e alma, em que a alma só se liberta quando se rompe as correntes que a aprisionam à matéria corporal.

Além desse tom metafísico (ou seja, para além da física) e espiritual, há no poema, como traço muito marcante da estética simbolista, a constante presença de metáforas, o que faz com que haja muitas sugestões e não explicitações das mensagens transmitidas pelo eu lírico. Por exemplo, em nenhum momento do poema fala-se explicitamente da palavra morte, porém infere-se que o romper das correntes refere-se à perda da vida e, consequentemente, à libertação da alma.

Outra característica simbolista presente no poema, além da presença das metáforas, diz respeito ao uso da sinestesia, figura de linguagem caracterizada pela junção de aspectos sensoriais, como se nota neste verso: “Ó almas presas, mudas”. Em relação aos aspectos formais, Cruz e Sousa também expressa uma tendência simbolista: a construção de sonetos, forma consagrada pela literatura clássica.

Vida obscura

Ninguém sentiu o teu espasmo obscuro
ó ser humilde entre os humildes seres,
embriagado, tonto de prazeres,
o mundo para ti foi negro e duro.
Atravessaste no silêncio escuro
a vida presa a trágicos deveres
e chegaste ao saber de altos saberes
tornando-te mais simples e mais puro.
Ninguém te viu o sofrimento inquieto,
magoado, oculto e aterrador, secreto,
que o coração te apunhalou no mundo,
Mas eu que sempre te segui os passos
sei que a cruz infernal prendeu-te os braços
e o teu suspiro como foi profundo!

Carnal e místico

Pelas regiões tenuíssimas da bruma
vagam as Virgens e as Estrelas raras...
Como que o leve aroma das searas
todo o horizonte em derredor perfuma.
Numa evaporação de branca espuma
vão diluindo as perspectivas claras...
Com brilhos crus e fúlgidos de tiaras
as Estrelas apagam-se uma a uma.
E então, na treva, em místicas dormências,
desfila, com sidéreas latescências,
das Virgens o sonâmbulo cortejo...
Ó Formas vagas, nebulosidades!
Essência das eternas virgindades!
Ó intensas quimeras do Desejo...
(Broquéis)

Por Leandro Guimarães
Professor de Literatura



Finados:

“Luto, perdas, missa de 7º dia”

Os representantes da Igreja Católica escolheram Dia de Finados, em 2 de novembro, para suceder o dia de “todos os santos” comemorado em 1 de novembro. Este culto aos falecidos é exclusivamente do catolicismo. Desde pré-história já havia escolha de um dia para efetuar o culto aos mortos. A escolha do dia foi feita no século XIII, devido ao hábito dos fiéis rezarem pelos mortos, visitarem cemitérios e templos religiosos, ornamentarem túmulos com velas e flores reunindo famílias para homenagens aos seus entes queridos falecidos.

Com prática de liturgia antiga católica, realizam-se missas nos 3º, 7º, 30º dias do falecimento de uma pessoa:

- 3º: menção aos três dias que Jesus ficou sepultado para ressuscitar dos mortos.
- 7º: lembrando o descanso de Deus com a criação do mundo.
- 30º: costume de tradição antiga, celebrando principalmente no Brasil, pelo descanso eterno.

Segundo a bíblia, existem vários significados com número 7: número de dias da Criação do mundo, luto de José por Jacó, purificação das mulheres que ganharam filhos no 7º dia, leprosos limpos após 7 banhos, números de pães multiplicados por Jesus, dizeres a Pedro perdoar inimigos setenta vezes sete.

A prática da “missa do sétimo dia” não acontece em todos os países. No Brasil surgiu na época colonial e como nosso país é tropical e extenso, havia necessidade de sepultar os falecidos rapidamente e geralmente não dava tempo da família se reunir para os últimos atos fúnebres e para alento dos mesmos, institui-se a “missa do sétimo dia”.

Em São Tiago, esta tradição é mantida, mas os funerais modificaram bastante. Antes, na cidade, os falecidos eram velados em casa, noite adentro, com orações, choros, lamentos, cânticos religiosos e fúnebres. O enterro era a pé em cortejo fúnebre e pessoas em oração levavam o corpo a igreja

para encomendação e, posteriormente, se dirigiam ao cemitério local para os ritos finais de sepultamento.

Os falecidos na zona rural vinham transportados em padiolas, uma espécie de estrado com 2 varas e 4 pontas para transporte do falecido, forrado às vezes, com uma colcha de tear ou uma lona, simulando uma maca. Tudo era descartado no esbarrancado, na entrada da cidade e o corpo transferido para o caixão. Seguia-se para a igreja para “missa de corpo presente” e encomendação, daí com toque fúnebre dos sinos, com respeito e orações, todos seguiam para o sepultamento, no cemitério.

Os caixões eram confeccionados artesanalmente pelo Sr. Tinarinho, na oficina em sua casa, até findar a madrugada, na Rua Vanderlei Lara. Normalmente de cetim roxo, marrom, preto simbolizando a “dor” e o caixão das crianças branco ou azul claro. As crianças falecidas eram “vestidas de anjo”, com coroas de flores na cabeça. Crianças junto aos adultos ajudavam no transporte do corpo para o cemitério.

O cemitério local passou por mudanças... Antes, somente covas com flores naturais plantadas e corredores de ciprestes bem podados, dividindo as quadras. Hoje, muitos túmulos, usam somente flores de plásticos, devido a dengue e todo espaço ocupado.

Em nossa cidade o luto vivido pelas famílias estava presente no modo de agir e vestir. As roupas usuais eram “tingidas” com fervura em tintas, outras confeccionadas priorizando a cor preta. Nas camisas dos homens eram costuradas tiras pretas nos bolsos, nas mangas e as crianças eram vestidas de roupas brancas ou claras. Não se ligava rádio, televisão e o luto era vivido de forma muito intensa. Hoje, novos tempos, costumes incorporados e crenças diversas, grande mudança.



Maria Elena Caputo Castro
Professora/Psicóloga

PARAGEM DE SANTO ANTÔNIO DO RIO DO PEIXE x ARRAIAL (OU CAPELA FILIAL) DO RIO DO PEIXE E JACARÉ x CAPELA DE SÃO TIAGO

Denominações ancestrais da atual cidade e município de São Tiago

Como é de amplo conhecimento, as origens da construção da capela de São Tiago Maior e Santana remontam, formalmente, ao ano 1761 quando aplicados (moradores/devotos) entre os rios do Peixe e Jacaré, requisitaram autorização a D. Manuel da Cruz, 1º bispo de Mariana, para edificação de capela em honra a São Tiago Maior e Sant'Ana, santos de devoção local. Sabe-se que a região era já relativamente povoada desde os alvares do século XVIII, com a presença de mineradores e sesmeiros, tema a ser aprofundado por pesquisadores. Coube ao Pe. Francisco Xavier da Costa Fialho (+ 1788) ⁽¹⁾ no ano de 1761, por delegação do bispado de Mariana, a incumbência de medição da área e sagração do local para a construção da capela, incluindo adro e cemitério, e composição de patrimônio, em terras doadas por Domingos da Costa Afonso (escritura formal de 1766). Sinal inequívoco de que a região era já assaz habitada e seus moradores eram devotos de São Tiago Maior, orago que daria denominação hagiotoponômica à povoação e município.⁽²⁾

É bom frisar que várias comunidades circunvizinhas, anteriormente a 1761, já dispunham de capelas como as de Santa Rita do Rio Abaixo, atual Ritópolis; Boa Vista, atual Conceição da Barra; Lage, atual Resende Costa; São Gonçalo do Brumado, atual Caburu.⁽³⁾ Bom Sucesso (1754). Sinal de que toda a vasta região era já devidamente povoada. Assim pessoas, mesmo residentes, na jurisdição da (futura) capela de São Tiago, à falta desta, dirigiam-se às capelas vizinhas para fins de acesso aos serviços religiosos, festividades ou ainda as mencionavam como referência domiciliar ou profissional⁽⁴⁾.

Não se pode olvidar que, anterior ao erguimento da capela (1761), a região contava inúmeras sesmarias concedidas pela Coroa Portuguesa, como a de Roque de Souza (1737) em terras do atual município de São Tiago, provavelmente a primeira concedida quando da abertura da Picada de Goiás em 1736. Segundo Ângelo Alves Carrara “antes de tudo em Minas Gerais, as terras de sesmarias devem ser consideradas como garantias de posses já lançadas ou a terras já compradas” (In “Minas e Currails: produção rural e mercado interno de Minas Gerais 1674-1807” UFJF, 2007, p. 162). “As terras mudavam de mão em um ritmo nunca antes ocorrido no Brasil” (id. op. cit. p. 156). Anterior às sesmarias, nos primeiros anos do século XVIII, há referências orais e mesmo formais à presença de mineradores (de ascendência espanhola, segundo a tradição) que, no caso de São Tiago, teriam descoberto ouro no local “Vargem Alegre” (1708). Deve-se considerar que os sesmeiros iniciais se dedicassem igualmente, em companhia de escravos e familiares à extração de pedras preciosas, busca de veios auríferos, onde nada era desperdiçado – uma lufa-lufa entre cascalhos, seixos, pedras soltas dentro e fora do leito dos rios, calhaus, blocos de rocha, piçarras, engrunados, emburrados...Bamburragens, bateamentos incessantes, frinchas, lavras de superfície ou subterrâneas, sarilhos como encontradas/mencionadas na Fazenda das Gamelas. Tudo a atrair aventureiros, faiscaadores, garimpeiros, quilombolas, bandidos...e também gente cordata!

Com a mingua das lavras, o depauperamento da atividade aurífera, os mineradores agrupavam-se em povoações, protegendo-se de ataques e distúrbios provocados por bandoleiros e quilombolas que atuavam na região (em nosso meio o chamado “Sertão do Campo Grande” território que, segundo historiadores como Tarcísio José Mar-

tins, até a metade do século XVIII, ia do Rio do Peixe ao São Francisco. Ver matéria, a esse respeito, no boletim nº CLV - agosto/2020). As autoridades coloniais, além de pouco oferecer, impunham aos moradores todos os ônus administrativos e mesmo patrimoniais como a edificação de cadeia, pelourinho e câmara (esta nas vilas).

O caráter dominante de acesso e posse da terra na região das Minas se dava pelo fato de nela “ter fábrica”, isso é o apossamento e trabalho nas referidas terras, sendo a legalização feita, a posteriori, através da requisição da carta de sesmaria. A título de exemplo, o sesmeiro Antonio Ribeiro da Silva, patriarca da família e clã “Ribeiro da Silva” em nosso meio, proprietário da fazenda “Rio Acima” entre os arraiais de São Gonçalo do Brumado (Caburu) e Santa Rita do Rio Abaixo (Ritópolis), comprovadamente adquirira ali terras por volta de 1733, só requerendo e obtendo a carta de sesmaria em 1748, onde se lê que “era senhor e possuidor de terras e matos (...) tinha escravos e fábrica para nelas exercitar a agricultura e o que fazer sem controvérsias com os vizinhos, além da posse que o suplicante tinha das referidas terras por compra que delas fizera, as queria possuir por título e mercê de carta de sesmaria de meia légua em quadra” (Revista APM v. 14, Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1909, p. 185).

O mesmo fato se daria com Roque de Souza, que, ao requisitar sua carta de sesmaria, concedida pela Coroa em data de 29/03/1737 (Manuscrito SC 42, p.53, rolo 09 – Arquivo Público Mineiro) afirmara em seu requerimento que “no caminho novo dos goyases tinha lançado huas posses em hu sitio chamado das Almas, o qual tinha descoberto, povoado e cultivado com grande despeza de sua fazenda...”, isto é que tais posses (terras) eram por ele povoadas e cultivadas, já há tempos, com elevados investimentos (“grande despeza de sua fazenda”), envolvendo, provavelmente, concurso de escravos, familiares e ainda outros tarefeiros. Denominações toponímicas (riacho do Barro, ribeirão das Aves) que apa-



Capela de São Tiago Maior e Santana

recem mencionadas, como pontos de demarcação e posse, na carta de sesmaria de Roque de Sousa desapareceram, permanecendo, porém outras referências (confrontações com Domingos da Costa Afonso no “ribeirão Sujo”, hoje área suburbana da cidade de São Tiago)

Constata-se, com plena convicção, de que o povoamento da região que compõe o atual município de São Tiago se deu, de forma adensada, anteriormente à edificação da capela. A título de exemplo, em 1733, falecia D^a Maria de Siqueira Paes, “na roça de Paulo Vieira”, seu 3^o marido e inventariante, na fazenda “Campo Alegre”, Paragem do Rio do Peixe, terras hoje componentes do município de São Tiago, com inventário aberto aos 13-04-1733 (Inventário 1733 – Maria de Siqueira Paes – AHET/IPHAN-SJDR, cx 477). Sobre D^a Maria de Siqueira Paes, a velha, e seus três maridos abordaremos em uma próxima edição do boletim. Algo incomum em seu inventário familiar é a presença de escravos indígenas (“bastardos carijós”).

Capelas e ermidas: Mantendo as tradições da mãe-pátria, os primeiros habitantes providenciavam a edificação de ermidas e capelas, geralmente em taipa ou alvenaria de pedra (estilo chão), as quais se espalhavam, ao longo do território desbravado, junto ou próximas à habitação dos povoadores. Detinham as capelas um caráter e um investimento religioso, simbólico, político e econômico no espaço colonial, compondo/ legitimando política e religiosamente a ocupação e a apropriação territorial. O templo, essencial na estrutura urbano-social e na fixação humana na região das Minas, funcionava como principal ponto de encontro dos moradores, sediando as solenidades religiosas como missas, batizados, casamentos, procissões, sepultamentos (realizados nos primeiros tempos no interior dos templos), reforçando, assim, a sua função social.

“As capelas funcionavam, então, como mecanismos de configuração ou dispositivos de poder nos sertões das Minas Gerais do século XVIII. Os senhores (donos de escravos e terras), agentes de uma renda familiar e clientelista, costumavam fundar/instituir capelas (com a aprovação episcopal) ou então dotá-las, determinando um patrimônio em terras e rendimentos para manutenção dos ofícios sagrados nos lugares onde houvesse a necessidade de assistência espiritual. Esta assistência aos fiéis, fazendo-se constante, nunca se reduzia ao núcleo doméstico do senhor, que incluía, num sentido ampliado da época, o chefe, a esposa, os filhos, os agregados (com parentes ou não) e os escravos” (Francisco Eduardo de Andrade – “A conversão do sertão: capelas e a governabilidade nas Minas Gerais” BH, Rev. Vária História, vol. 23, nº 37, Jan/junho 2017, art. 8).

A região, no roteiro da Picada de Goiás, era, até então, conhecida – em especial em documentos oficiais, a exemplo das cartas de sesmarias – por “Paragem de Santo Antonio do Rio do Peixe” ou ainda “Paragem do Rio do Peixe”, uma denominação assaz abrangente, pois a grosso modo, incluía terras hoje pertencentes aos municípios que formam a mesobacia do Rio do Peixe, como São Tiago, Ritópolis, Resende Costa e Conceição da Barra de Minas. Em alguns documentos, São Tiago aparece identificada como “capela filial do Rio do Peixe e Jacaré”. Com a edificação da capela (1761), progressivamente, firmou-se a referência hagiográfica ou hagiotoponímica – São Tiago – nomeação ao santo padroeiro, permanecendo, contudo, durante tempos, a menção ao termo genérico “Paragem do Rio do Peixe” ou “Paragem de Santo Antonio do Rio do Peixe” (mesmo até o final do século XVIII ou inícios do século XIX). “O pouso seguinte na rota da Picada de Goiás, após cruzar o Rio do Peixe, afluente da margem direita do Rio das Mortes, é a atual cidade de São Tiago (...) A partir do Rio do Peixe é que foram concedidas em 1737 as primeiras sesmarias aos abridores da trilha de Goiás” (Ariosto da Silveira – “Ao Longo da Trilha – Lembranças da Infância de Minas”, Belo Horizonte, Ed. Autor, 2004, pp. 92/94).

Caio César Loschi, ao abordar a relação cronológica da fundação das irmandades mineiras coloniais no século XVIII e primeira metade do século XIX, data a capela filial do Rio do Peixe e Jacaré (São Tiago) termo da vila de São José Del-Rei no ano de 1762 (In “Os leigos e o poder: irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais” São Paulo, Ática, 1986, pp. 214-224).

Sérgio Cristóvão Selingardi igualmente refere-se aos primórdios de São Tiago como “capela filial do rio do Peixe e Jacaré – São José

del-Rei – 1762” (in “Educação religiosa, disciplina e poder na terra do ouro – A história do Seminário de Mariana entre 1750 e 1850” São Carlos/SP, Ufscar, 2007, anexo II – relação cronológica da fundação de irmandades mineiras coloniais, século XVIII e metade do século XIX”).

Em sua obra “Corografia Histórica da Província de Minas Gerais (1837)”, vol. I, Itatiaia/Edusp, o gen. Raimundo José da Cunha Matos refere-se ao “Dito de São Thiago (1^o Distrito). Foi muito extenso e hoje está quase em ruínas. Dista 7 léguas da cabeça do termo. Tem 85 fogos e 537 almas” (p. 117) Sobre o Rio do Peixe, afirma (sic) que assim “como o ribeirão de Santo Antonio, entra na margem direita do Rio Grande, adiante da passagem de Macaia. O arraial de Santiago, consideravelmente destruído, fica perto da margem direita deste rio” (p. 256).

“A provisão da capela de São Tiago, Maior e Santana é de 10 de junho de 1761, atendendo a solicitação dos moradores dos rios Peixe e Jacaré para criarem uma capela na serra do Ibituruna. Juridicamente a capela pertencia à vila de São José e eclesiasticamente à matriz de Nossa Senhora do Pilar. O primeiro batismo é de 1765. Na visita pastoral de Frei da Santíssima Trindade havia 741 almas e “ermida pública na fazenda das Laranjeiras” (Sirleia Maria Antunes – “No rendilhado do cotidiano: a família e as redes sociais dos livres de cor na Comarca do Rio das Mortes c.1770-c.1850” UFMG, 2018, p. 89/90) “Por determinação da provisão de 1771, baseada nas Cartas Régias expedidas pelo Conselho Ultramarino de 1704, de 1753 e 1755 e por provisão da Mesa da Consciência e Ordem de 1758, a matriz do Pilar era responsável por nomear e remunerar as capelães das capelas subordinadas à freguesia (...) Dessa forma, a matriz do Pilar, além das capelas da zona urbana, atendia a 13 capelas curadas como (...) São Tiago” (Antunes, op cit. p. 84) “Na freguesia do Pilar, também houve desmembramentos sendo criadas as paróquias de Nossa Senhora do Bonsucesso, de São Miguel do Caburu e Nossa Senhora da Conceição da Barra. A primeira foi criada em 1825 e suas capelas curadas eram as de São Tiago e Santo Antonio do Amparo” (Antunes, op.cit. p.75)

Ana Paula Mendes Alves de Carvalho em seu texto “Toponímia religiosa em Minas Gerais: os nomes dos municípios” (publicado na “Revista de Estudos da Linguagem” v. 26, nº 3, p. 143) enumera o município de São Tiago com a adoção oficial deste nome em 1802. Ainda, segundo a pesquisadora, dos 432 municípios contendo denominações motivadas pela devoção religiosa, 405 deles, ou seja 94%, passaram por uma ou mais mudanças ao longo dos anos e somente 27 deles, ou seja 6% do total, mantiveram o nome original, dentre os quais a autora inclui São Tiago (sic).

“São Tiago – os moradores do Rio do Peixe e Jacaré pediram à autoridade eclesiástica licença para levantar a capela “na serra da Bituruna, filial da vila de São José” e foram atendidos pela provisão de 10 de junho de 1761 (...) Numa relação de arraiais do termo da vila de São José, em 1802, já figura o de São Tiago. Em 1853, os moradores e fazendeiros do distrito de São Tiago, capela filial de Bom Sucesso, município de São José, dirigiram um apelo ao governo no sentido de elevar o curato a paróquia (Avulsos APM). E a lei nº 727 de 16 de maio de 1855 veio criar a freguesia. O primeiro vigário foi Pe. José Mendes dos Santos. A



Capela Santa Rita do Rio Abaixo, atual Ritópolis



Capela Boa Vista, atual Conceição da Barra

lei nº 336 de 27 de dezembro de 1948 criou o município de São Tiago com território desmembrado de Bom Sucesso” (Waldemar de Almeida Barbosa – “Dicionário Histórico-Geográfico de Minas Gerais” BH, Itatiaia, 1995, p. 331) (5)

“A capela de São Tiago dista da matriz 7 léguas e de Santa Rita 4. Tem 741 almas; nesta aplicação tem uma ermida pública na Fazenda das Laranjeiras. Crismaram-se 1016” (Dom Frei José da Santíssima Trindade – “Visitas Pastorais 1821-1825” Fundação João Pinheiro/IEPHA-MG, 1998, p. 238)

“Capela curada de São Tiago – A edificação foi erguida por provisão de junho de 1761, a pedido dos moradores da região do Rio do Peixe e Jacaré. Elevada a freguesia em maio de 1855. É exemplar demolido, substituído por templo construído em 1922. O antigo arraial do Rio do Peixe e Jacaré é hoje o município de São Tiago” (Trindade - Visitas Pastorais – op. cit p. 383)

“São Tiago, capela na “serra da Bituruna, filial da Villa de São José” erigida por provisão de 10 de junho de 1761, a pedido dos moradores do Rio do Peixe e Jacaré. Freguesia criada por L.M. nº 714 de 16 de junho de 1855. Primeiro vigário – José Mendes dos Santos” (Cônego Raimundo Trindade “Instituições de Igrejas no Bispado de Mariana” Rio de Janeiro, MEC/IPHAN, 1945, p. 302, nota 623)

“A primitiva cidade colonial surgiu no contexto dos movimentos em busca de jazidas de ouro no início do século XVIII e consolidou-se com a presença marcante da Igreja Católica. Na porção mais elevada da extensa gleba que forma a praça principal da povoação, foi edificada a primeira capela dedicada a São Tiago Maior, demolida, segundo relatos orais no início do século XX, para dar lugar à atual Igreja Matriz, edificação simples, porém sólida. Na porção mais baixa do largo, situava-se outro templo, dedicado a Nossa Senhora do Rosário, com paredes de taipa, singela e rudimentar, construída por volta de 1820 e demolida em 1955” (Saulo Eduardo de Castro Vieira – “Entre o rural e o urbano: figurações e imaginários de pequena cidade do Brasil” UFSJ, 2019, p. 100)

Registre-se que a capela de São Tiago, segundo a oralidade, foi edificada pelo construtor português Manoel Marques de Carvalho, natural da freguesia de Ruivães, Vila Nova de Famalicão, termo de Barcelos, onde nasceu em 1727, também proprietário de sesmarias na região, que, por sua vez, liderou a construção da capela de São Roque de Minas em 1762 no Alto São Francisco. Sobre Manoel Marques de Carvalho ver matéria em nosso boletim nº CXXXI – agosto/2018.

O censo de 1831/32, quanto à população do distrito da capela de São Tiago, termo da vila de São José, registrava o total de 1154 moradores.

NOTAS

(1) Pe. Francisco Xavier da Costa Fialho era clérigo secular da Ordem de São Pedro, natural da freguesia de Olinda (PE), filho de José da Costa Fialho e Maria de Souza Delgado. Tio de Pe. José Manoel da Rosa Ribeiro (1740-1826) famoso proprietário da Fazenda das Gamelas (ver matérias em nosso boletim nºs XIV nov/2008 e CLXI- fevereiro/2021).

(2) “De que a região entre o rio do Peixe e o do Jacaré já era, a esse tempo, bastante habitada, faz certo também o pedido que a Câmara da Vila de São José Del-Rei, a cujo termo civilmente pertencia, dirigiu a Sua Majestade D. José I, a 20 de abril de 1762 e que foi concebido nos seguintes termos:

“Senhor – Na capela do Senhor São Tiago, da freguesia de Nossa Senhora do Pilar, do termo desta Villa de Sam José, comarca do Rio das Mortes, se acha hum dilatado sertam, o coal se acha bastantemente povoado e para evitar que, por esta parte se desencaminhe ouro em fraude do Rial Quinto de Vossa Magestade, parese conveniente ao serviço de uma Companhia de “Ordenança de Pé” com seus oficiais, por haver, na dita paragem, bastante gente de que esta se componha e pessoas com suposição para oficiais, a coal também servirá de auxiliar às justissas para conservarem aquelles moradores na devida obediência da lei, que, de outra sorte, desprezam, por ser a referida paragem distante desta Villa”

Não só já era, então, a região bastante povoada como também nela se encontravam pessoas à altura dos postos da “Companhia de Ordenança de Pé” (Augusto das Chagas Viegas – Notícia Histórica do Município de São Tiago” pp. 7/8)

(3) Santa Rita do Rio ABAIXO (Ritópolis) – primitiva capela data de 1713 (fonte: José Antonio Ávila Sacramento); Capela de Nossa Senhora da Conceição da Barra data de 1726 (Prof. Antonio Gaio Sobrinho – Memórias de Conceição da Barra de Minas); São Gonçalo do Brumado (Caburu) – capela construída entre 1720 e 1730 - fonte Ulisses Passarelli; Laje (Resende Costa) capela inaugurada aos 12-12-1749 (fonte: Enciclopédia dos Municípios brasileiros – vol. XXVII, ano 1959); Bom Sucesso – capela edificada em 1736 (fonte: Castanheira Filho – História de Bom Sucesso); Passa Tempo – capela construída em 1760, sendo os primeiros registros canônicos em 1771 (fonte: Antonio Pedro Faleiro – Passa Tempo através do tempo); Morro do Ferro – capela construída em 1765 (fonte: História de Morro do Ferro - site da Prefeitura Municipal de Oliveira)

Isso sem falarmos nas igrejas dentre elas a de Nossa Senhora do Pilar em São João Del-Rei, edificada em 1721.

(4) Viajantes estrangeiros que percorreram o território mineiro nos séculos XVIII e XIX como Ferdinand Denis observaram que os cultos religiosos não eram frequentes em muitas regiões e que missas eram celebradas somente em localidades mais povoadas. Se quisessem participar das cerimônias religiosas, os sertanejos tinham que se deslocar de seus lugares até a uma região próxima onde ocorriam as celebrações. O sertanejo era em si um solitário, por vezes visto como indiferente, rude, na prática “pastores exilados”. “Nenhuma instrução os vem procurar em seus desertos” Uma vida rústica, dura, porém com sentimento, intensidade, fervor (Ferdinand Denis – “Brasil” – Itatiaia/Edusp 1980, pp.384/386).

Autores como George Gardner, por sua vez, tem uma visão e percepção mais simpática ao sertanejo, buscando entendê-lo com seus ritmos e particularidades de viver (Obra “Viagens no Brasil”).

(5) A instalação de capelas, via de regra, nos primeiros tempos do povoamento do território mineiro, achava-se ligada a um ponto estratégico – cruzamento de rotas, confluências de rios, passagens obrigatórias, núcleos mineradores, topos de montes e colinas, pousos e ranchos que permitiam algum tipo de sociabilidade. Assim, ao se analisar a relação capela-arraial, há que se investigar a diversidade das relações locais – sociais, geográficas, econômicas, políticas – e perguntar o que havia anterior à capela. Nada nasce do vazio. Sítios ou lugares onde se erguia uma capela, eram já, decerto, trilhados por posseiros, sesmeiros, mineradores, itinerantes, mesmo indígenas, negros e a arraia miúda livre.

A historiografia registra que urbanização e atividade religiosa, nas primeiras décadas do século XVIII, se correlacionam de forma natural, incorporando o povoamento minerador, o arraial e a capela. Somente nas décadas finais do século XVIII é que as capelas, dada a diversificada conjuntura econômica (agropastoril) e a deliberação de fazendeiros ou moradores construtores, passaram a atrair povoamento fixo. Agricultura e mineração – atividades com inúmeras alternativas de trabalho e ofícios – não eram excludentes, levando protagonistas de toda ordem como sesmeiros, foreiros, posseiros, agregados, jornaleiros, escravos, falsadores, garimpeiros, mascates a incorporarem e exercitarem a devoção religiosa como fator de enraizamento territorial do poder régio.

Sobre a capela de São Tiago ver matérias em nosso boletim n. CV-junho/2016

PARAGEM DO RIO DO PEIXE

Várias são as referências à “Paragem do Rio do Peixe” em documentos do século XVIII:

- O sesmeiro “Domingos Monteiro, morador na Boa Vista, termo da vila de São José, comarca do Rio das Mortes, que ele, suplicante, tinha lançado umas posses com seus escravos em vários capões de matos (...) na paragem chamada a do Rio do Peixe...”

- (Pe) José Manuel da Rosa Ribeiro, em data de 12/11/1761, no seu pedido de presbiterato às autoridades superiores do Seminário de Mariana, afirma ser morador na Comarca do Rio das Mortes e “possuidor de uma sesmaria na paragem de Santo Antonio do Rio do Peixe, termo da vila de São José, da mesma comarca...” (De Genere – Arquidiocese de Mariana – Proc. 1239, armário 07) (Ver nota 1). A Sesmaria de Pe. José Manoel é/era a fazenda das Gamelas, nas adjacências da hoje cidade de São Tiago.

- No Arquivo Histórico Ultramarino, encontramos inúmeras referências à Paragem do Rio do Peixe:

1. Requerimento (nº 6900) de Manoel Teixeira da Silva, datado de 06-03-1766 pedindo carta de confirmação de sesmaria de meia légua em quadra na paragem chamada Santo Antonio do Rio do Peixe, termo da vila de São José – AHU-Con. Ultra Brasil/MG Cx. 87, doc. 13

2. Requerimento nº 6903, datado 10-03-1766, de Manoel Fernandes dos Santos, morador na freguesia de São João, termo da vila de São José, pedindo carta de confirmação de sesmaria de meia légua de terra em quadra, na paragem chamada Santo Antonio do Rio do Peixe, termo da dita vila, comarca do Rio das Mortes (AHU/MG Cx. 87, doc.17

3. Requerimento nº 6959 de 05-05-1766 – Maria Lemos de Oliveira

4. Requerimento nº 7294 de 09-03-1768 – Ten Cel Manoel Lopes de Oliveira

“...além de homem de negócios, entre 1746-1747, Manuel Lopes de Oliveira, morador na Borda do Campo, foi capitão de cavalaria da Companhia de Ordenanças da Borda do Campo e entre 1765-1766 almejou o cargo de tenente coronel de Dragões da Cavalaria auxiliar da Comarca do Rio das Mortes. Contudo, outros elementos nos chamam a atenção. Em 28-05-1749, recebeu a mercê de uma sesmaria de meia légua “a diante da sesmaria de Santo Antonio a mão esquerda indo destas Minas para o Rio de Janeiro” (AHU-Projeto Resgate-MG, Caixa 58, documento 80). Mesmo a localidade geográfica não sendo muito clara, podemos assegurar que a dita propriedade estava nas imediações do traçado do Caminho Novo por duas razões: estava em Borda do Campo, área cortada e surgida em decorrência deste Caminho e pela indicação de “mão esquerda indo destas Minas para o Rio de Janeiro”, sugerindo um lugar próximo de uma estrada ou via. Assim como (Francisco) Gomes Ribeiro, por volta de 1764, solicitou uma licença para montar um engenho de moer cana de açúcar (AHU-Projeto Resgate-MG Caixa 83, documento 21) e em 14-01-1765 recebeu outra sesmaria na paragem do Rio do Peixe no termo da vila de São João Del-Rei” (AHU-Projeto Resgate-MG, Caixa 92, documento 35)

Em 09-03-1768 – requerimento do Tenente Coronel Manuel Lopes de Oliveira pedindo carta de confirmação da sesmaria de meia légua de terra em quadra na paragem Rio do Peixe, termo da vila de São João Del-Rei, Comarca do Rio das Mortes (AHU-Projeto Resgate)

5. Requerimento nº 8055 de 09-11-1772 – Cap. Francisco Pinto Rodrigues

6. Requerimento nº 11233 de 09-10-1800 – Manoel Gonçalves de Araújo

7. Requerimento nº 11237 de 09-10-1800 – Genoveva de Lara (Fonte: Caio C. Boschi – “Inventário dos manuscritos avulsos relativos a Minas Gerais existentes no Arquivo Histórico Ultramarino (Lisboa) BH, Fund. João Pinheiro, 1998)

8. (Sesmaria de) “Manoel Ribeiro de Souza entre as sesmarias de Roque de Souza e Manoel Miz Gomes” (Tarcísio José Martins – “Moema – as origens do povoado do Doce” 2ª ed. virtual, 2001, p. 104)

“As sesmarias requeridas pelos oficiais das forças atacantes de 1746, entre março e abril de 1747, contém referências claras à

região do primeiro quilombo do Ambrósio (...) a de Manoel Ribeiro de Souza ficava “na paragem do Campo Grande e vizinha da picada que vai para Goiás, termo da vila de São José, Comarca do Rio das Mortes, entre as sesmarias concedidas a Roque de Souza e Manoel Miz Gomes” – Revista do APM v. 14, ano de 1909, pp. 70, 72, 76 (Tarcísio José Martins – “Quilombo do Campo Grande – história de Minas que se devolve ao povo” 1995, pp. 503/504)

APM – ano 1909 – vol. 14, pp. 17-209 - requerimento de sesmaria de Manoel Martins Gomes



São Gonçalo do Brumado, atual Caburu

COMENTOS - Alguns registros religiosos na capela de São Tiago Maior e Santana – década de 1760 (Projeto Compartilhar)

- 30-03-1764 – batismo de João Cardoso Osório, filho do Cap. Luiz Cardoso Osório e Francisca Gonçalves Branca (Projeto Compartilhar – Antonio Gonçalves dos Anjos)

- 27-07-1767 – batismo de Joana Batista de Siqueira, filha de Marcelo Rodrigues de Siqueira e Maria Josefa (Projeto Compartilhar – Família Antonio Furtado)

No inventário do Alferes Marcos de Souza Magalhães (filho), falecido sem testamento aos 02-12-1824, há a afirmação de ser proprietário “da Fazenda da Fonte em São Tiago de Ibituruna” (sic) O inventário foi aberto pela viúva Ana Josefa da Silva aos 18-08-1825. D^a Ana Josefa era filha do Cap. Custódio José Dias e D^a Ana Lopes da Silva casados na capela de Nossa Senhora de Nazaré (Nazareno) aos 06-02-1766, enquanto o Alferes Marcos de Souza Magalhães era filho homônimo do Ten Cel Marcos de Souza Magalhães (+ 03-02-1773) e D^a Mariana de Almeida e Silva (Projeto Compartilhar – Mariana de Almeida e Silva)

“A capela de São Tiago dista da matriz 7 léguas e de Santa Rita 4. Tem 741 almas; nesta aplicação tem uma ermida pública na Fazenda das Laranjeiras” (“Visitas Pastorais de Dom Frei José da Santíssima Trindade – 1821-1825” Fund. João Pinheiro, 1998, p. 238)

“Capela curada de São Tiago – A edificação foi erigida por provisão de junho de 1761, a pedido dos moradores da região do Rio do Peixe e Jacaré. Elevada a freguesia em maio de 1855. É exemplar demolido, substituído por templo construído em 1922. O antigo arraial do Rio do Peixe e Jacaré é hoje o município de São Tiago” (op. cit p. 383)

“GILEAD” - UM ROMANCE PARA NOSSA MAIOR REFLEXÃO E INTROSPECÇÃO

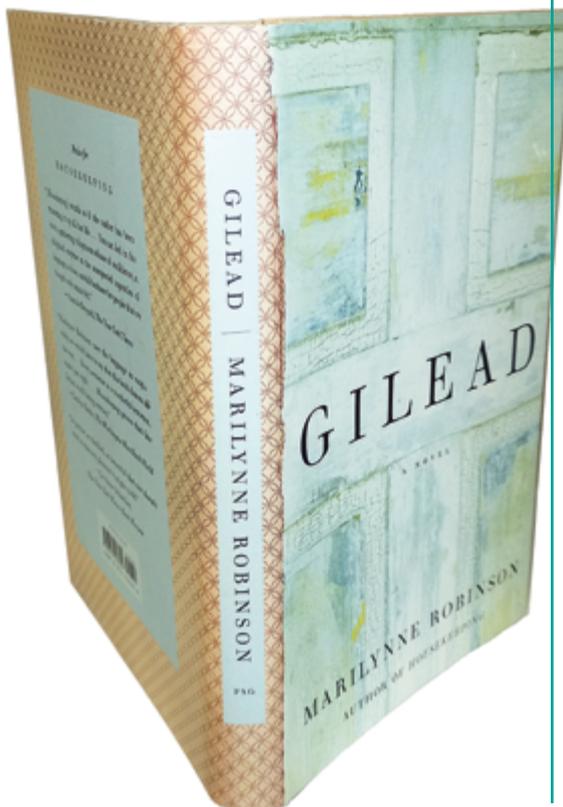
John Ames é um “velho trêmulo”, pastor de pequena igreja congregacional (presbiteriana) em uma cidadezinha fictícia – Gilead – no estado americano de Iowa; um homem de 76 anos, no auge existencial, limitado e isolado, contudo, em meio a um universo de conflitos, dúvidas, reflexões, perquirições interiores. Seu avô e seu pai foram também pastores, envolvidos em temas sociais e adeptos do pacifismo, o que o conduz a inúmeros sofismas e contínuas correlações. Antevendo a morte, a qual ele rejeita, passa os dias escrevendo um livro de memórias, destinado a seu filho “temporão” de sete anos, nascido de seu 2º casamento. Em sua primeira experiência conjugal, o pastor perdera a esposa em trabalho de parto, tendo a filha Rebecca falecido ainda em criança. Uma história familiar, por vezes melancólica, envolvendo ilações, considerações sobre a vida terrena e as perspectivas da prevalente vida espiritual. Uma monumental batalha íntima entre sentimentos e razão, entre vivência e espiritualidade!

O pastor Ames é, em suma, o personagem central da obra “Gilead”, cujo enredo se passa em 1956, de autoria da escritora Marilynne Robinson, considerado pela crítica como um livro de lembranças ou memórias, onde entrelaçam-se histórias do presente e temores do futuro. Um livro que é uma declaração de amor verdadeiro, incondicional à vida e um lamento por sua brevidade, ainda que à sombra de Deus. O pastor é um personagem, tal qual o ser humano, cercado de questionamentos, dentre eles o da deterioração orgânica (a perda da saúde face à velhice inexorável), o convívio com o sofrimento humano, as perdas do passado, bem como a impossibilidade angustiante de ver o filho crescer, de poder acompanhar-lhe a formação e maturação. Uma pessoa modesta, singular, culta, dada a profundas leituras bíblicas e, a autores clássicos como Shakespeare, Dostoiévski, John Donne, Emerson, George Herbert, Feurbach, além de autores teológicos e exegetas como Calvino e Karl Barth.

Linguagem altamente poética; temática envolvente, complexa, circundada por reflexões quanto aos mistérios da vida e do tempo, a fragilidade humana, a importância do afeto e do perdão. Um universo de hesitação, de perplexidade, de grandezas em meio à pequenez existencial. Uma das passagens mais características do romance, curiosamente, passa-se em plena “gripe espanhola” (1918) período em que o pastor teve que pregar seus sermões com um lenço enrodilhado em torno ao rosto. Uma obra que, segundo o conceituado crítico Marcelo Pen, é “uma fábula conservadora”

A autora, Marilynne Robinson, é uma renomada escritora norte-americana, vencedora do Prêmio Pulitzer (2005), autora de obras como Gilead (2004), Em casa (2010) Além da razão (2011), Lila (2014) Personagens da obra “Gilead”: Pastor John Ames, Lila Ames, Ver. Robert Boughton, Louise Ames, Rebecca Ames.

“Escrever é como rezar”
(Marilynne Robinson)



ALGUMAS PASSAGENS/ EXCERTOS DO LIVRO

- Há tanto para ser grato, palavras são coisas “pobres”
- Este é um planeta interessante. Merece toda a atenção que você pode dar-lhe
- Às vezes, eu tinha amado a paz de um domingo comum. É como ficar em paz em um jardim recém-plantado após uma chuva quente. Você consegue sentir a vida silenciosa e invisível
- Amor é sagrado porque é como a graça – o valor de seu objeto nunca é realmente o que importa
- A memória pode fazer com que uma coisa pareça ter sido muito mais do que era
- Uma vez sozinho é impossível acreditar que alguém poderia ter sido diferente. A solidão é uma descoberta absoluta.
- Existem milhares de razões para viver esta vida, cada uma delas é suficiente.
- Sou grato por todos aqueles anos sombrios, embora, em retrospecto, pareçam uma longa e amarga oração que foi finalmente respondida
- Parece-me que as pessoas tendem a esquecer que devemos amar nossos inimigos, não para satisfazer algum padrão, mas porque Deus, seu Pai, os ama
- Existem duas ocasiões em que a sagrada beleza da Criação se torna estonteantemente aparente e ocorrem juntas. Uma é quando sentimos nossa insuficiência mortal para o mundo e a outra é quando sentimos a insuficiência mortal do mundo para conosco
- Um homem pode conhecer seu pai ou seu filho e ainda nada pode haver entre eles, além de lealdade, amor e incompreensão mútua.
- Nada verdadeiro pode ser dito sobre Deus a partir de uma palavra de defesa
- Não sei exatamente o que é a cobiça, mas na minha experiência não é tanto desejar a virtude ou felicidade de outra pessoa, mas sim rejeitá-la, ofender-se com a beleza disso

A FLECHA ENVENENADA: a parábola budista que nos coloca face a face com o nosso maior erro

Buda, em busca da iluminação, também tentou descobrir como nos libertar da ignorância e do sofrimento. Como outros grandes sábios do passado, ele propôs uma filosofia prática que encoraja a nos concentrarmos nas coisas mais simples como uma forma de atingir metas mais elevadas. O Taoísmo resumiu perfeitamente em uma frase: A viagem de mil quilômetros começa com um único passo. No entanto, na vida cotidiana temos dificuldade de aplicar esses ensinamentos.

A PARÁBOLA DA FLECHA ENVENENADA

No Majjhima Nikaya, uma coleção de textos atribuídos a Buda, podemos encontrar a “parábola da flecha envenenada.” Buda contou esta história a um discípulo que estava impaciente para ouvir do professor as respostas para as “14 perguntas sem resposta” relacionadas com questões metafísicas como a vida após a morte.

“Era uma vez um homem que foi ferido por uma flecha envenenada.

A família e os amigos queriam chamar um médico, mas o paciente recusou, dizendo que antes queria saber o nome do homem que o havia ferido, a casta a que pertencia e seu lugar de origem.

Quería saber se o homem era alto, forte, se era nobre ou um camponês. De que era feito o arco, e se a corda do arco era feito de bambu, cânhamo ou de seda. Ele disse que queria saber se as penas da viera de um falcão, um abutre ou um pavão... Antes que extraíam a flecha, quero saber todas essas respostas. ...o homem morreu sem saber as respostas “.

Ao ler a parábola a primeira ideia que vem à mente é que a atitude do homem ferido é um absurdo e insensata. No entanto, Buda está nos dizendo que todos se comportam da mesma maneira sem perceber.

De certa forma, todos nós estamos feridos com a seta envenenada, porque, mais cedo ou mais tarde vamos morrer. No entanto, vivemos sem estar plenamente conscientes da nossa mortalidade, por isso muitas vezes dão demasiada importância a coisas sem importância que nos impedem de desfrutar o presente vivendo em um estado de preocupação desnecessária.

GRANDES LIÇÕES PARA A VIDA

Concentre-se no que realmente acontece com você.

Em muitas ocasiões, para resolver um problema é importante não se perder em divagações, precisamos agir. O mais usual é que por trás dessas reflexões se escondem medos e incertezas. Quando enfrentamos um problema e vamos em torno do arbusto, embora saibamos qual é a solução definitiva, é porque temos medo de alguma coisa. No entanto, ele acredita que as soluções de longo prazo apenas servem para gerar mais problemas e criar um estado de insatisfação interior.

Em outros casos ativamos Mecanismos de Defesa tais como a projeção ou o deslocamento colocando o problema para fora de nós mesmos, ou tentamos escondê-lo. Normalmente, isso é porque não queremos aceitar que somos parte do problema, de modo que para corrigi-lo é preciso primeiro trabalhar em nós mesmos. Em qualquer caso, a estratégia é nunca olhar para longe, é importante entender o que realmente acontece com nós e aprender a priorizar o aqui e agora.



Dê um passo de cada vez.

A mente pode se tornar nosso melhor aliado ou o nosso pior inimigo. Podemos usá-la para resolver problemas de forma positiva ou negativa, podemos também usar para encontrar um problema para cada solução. Para viver com menos carga e estresse a chave é ir passo a passo. Isso não significa que não podemos antecipar problemas, mas temos de assegurar que não estamos alimentando um pensamento catastrófico.

Concentre-se no presente, avalie cuidadosamente a situação onde você está e de um passo de cada vez, esse passo não vai levá-lo diretamente ao seu destino, mas pelo menos você vai sair de onde você está. Viva um dia de cada vez, como se cada dia fosse o primeiro e último de sua vida.

Deixe que tudo flua sem nenhuma interferência.

Às vezes ficamos reféns dos problemas, embora estes já foram resolvidos ou são parte do passado, porque nossas mentes estão ancoradas, causando frustração, raiva e ressentimento. Quando nos apegamos ao que aconteceu e nós não deixamos as emoções e os sentimentos irem embora, nos tornamos seus escravos.

A respeito disso, um estudo realizado na Universidade de Harvard descobriram que nós gastamos 47% das horas que passamos acordados pensando sobre o que nos aconteceu ou o que poderia acontecer. Essa “mente vagando à deriva” é a causa de nos preocupar excessivamente e da nossa infelicidade. A melhor solução é concentrar-se no presente e experimentar agradecer pelo que temos e o que somos. Assim teremos impacto nessas experiências negativas e poderemos alcançar o equilíbrio.

Remover tudo que é desnecessários

Leonardo da Vinci disse que “a simplicidade é a satisfação final” e não estava errado. Ao longo de nossas vidas, levamos muitas coisas que só servem para criar o caos e oprimir-nos. Quando você percebe que você pode viver sem eles e ser ainda mais feliz, você começa a apreciar o que você tem e você se livra de um grande fardo.

Remover tudo que é desnecessário também se refere a sentimentos, crenças, estereótipos e sonhos que não nos pertencem e são apenas um obstáculo. Quando você olha para dentro de si mesmo, você vai se surpreender ao descobrir que muitas das frases de seu diálogo interno realmente não são suas, mas estão incrustadas. Faça uma limpeza mental para se livrar de emoções que lhe prejudicam, como um evento antigo que causou ressentimento, angústia por algo que provavelmente nunca vai acontecer e o medo de perder o que você tem. Se tivermos uma bagagem mais leve não só podemos ir mais longe, mas também aproveitar mais a viagem.

Fonte: <http://www.rinconpsicologia.com>
Traduzido e Adaptado por Pensamento Líquido

ANDRÉ BELLO

(1878-1941)

- O MÁGICO DA FOTOGRAFIA

- 80 ANOS DE FALECIMENTO

O imigrante italiano André Bello traria para a cidade de São João Del-Rei, no interior mineiro, de arraigada tradição colonial, o signo da modernidade e do progresso em termos de fotografia. Sua arte invejável e suas representações fotográficas sobre a cidade e seus habitantes sedimentariam os símbolos do progresso material e memória cultural local. André Bello nasceu na cidade italiana de Tortorella, proximidades de Nápoles, região da Campânia, província de Salerno, aos 24-04-1878 (alguns biógrafos mencionam 1879). Fotógrafo formado em Milão com várias premiações (medalhas de prata – 1908 – e de ouro – 1911 – na Exposição de Turim) emigrou para o Brasil em 1900, estabelecendo-se inicialmente em Juiz de Fora. Transferindo-se para São João Del-Rei por volta de 1906, ai abriu o Atelier Photographico André Bello (em propaganda de 1912 aparece com a denominação de Atelier Photographia Italo-Brasileiro)⁽¹⁾ e, ao lado, uma oficina para colocar molduras em quadros. Tornar-se-ia um profissional muito conhecido, regional e nacionalmente, por suas fotografias feitas em chapas de vidro, da mais alta qualidade pictórica e imagística, o chamado “retrato biográfico”

André Bello fotografaria muitas personalidades, famílias, lojas e produtos comerciais, além de álbuns de fotos e vistas panorâmicas de várias cidades mineiras, dentre elas São João Del-Rei. Prestou inumeráveis serviços à cidade, à região e ao Estado. Eram de sua autoria os quadros de formaturas dos colégios locais, merecendo ênfase os do Colégio Nossa Senhora das Dores. Inaugurou o cinema mudo e falado em São João Del-Rei, o chamado cinematógrafo (1907). Manteve um escritório de representações, alugando filmes no Rio de Janeiro para distribuição aos cinemas de São João Del-Rei e todo o sudeste de Minas (Lavras, Perdões, Campo Belo, Divinópolis, Formiga etc.), utilizando-se na época, dos trens da EFOM-Estrada de Ferro Oeste de Minas. Fundou em 1928 o Curtume Bello & Tortoriello Ltda no Bairro das Fábricas. Em 1914 casou-se na cidade de Lavras com Guilhermina Menicucci com quem teve cinco filhos: 1. Maria Bello Benvenautta; 2. Gabriela Bello de Almeida Neves; 3. Conceição Menicucci Bello; 4. Stella Bello de Faria; 5. Victor Lourenço Menicucci Bello.

Como empresário artístico, trouxe a São João Del-Rei vá-



André Bello e família

rias companhias de teatro, dentre elas a de Dercy Gonçalves, Procópio Ferreira e outras. Foi representante da fábrica de papel fotográfico “Fratelli Kahn”, de Milão; representante da “Società Italiana Cines”, que produzia filmes e películas industriais; representante da fábrica de molduras “Martins Seabra & Comp.” do Rio de Janeiro⁽²⁾ Viajante incansável por dezenas de cidades mineiras no afã de divulgar e executar trabalhos em fotografias, detendo o domínio das mais modernas técnicas fotográficas. Além de profissional, artista e empresário, dedicava-se à benemerência. Durante a Primeira Guerra Mundial, dirigiu a comissão que angariava recursos para a Cruz Vermelha Italiana destinados a socorrer os feridos de guerra. Exerceu as funções de conselheiro fiscal da Associação Comercial de São João Del-Rei (1925)

Sofrendo um derrame em 1939, veio a falecer em São João Del-Rei aos 06-11-1941

NOTAS

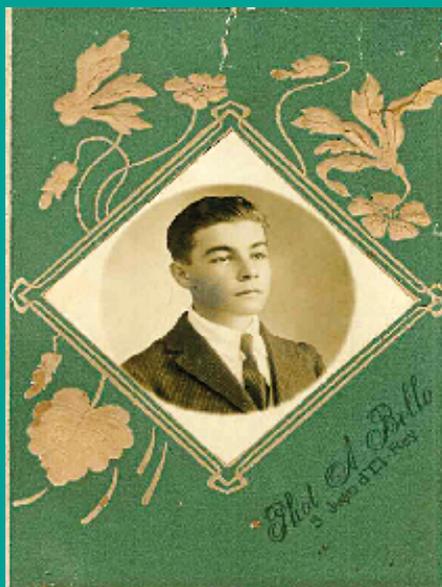
(1) Seu atelier funcionou inicialmente na Rua Paulo Freitas, n. 1. Em 1906, através de nota social, informava estar de partida para a Itália para “aperfeiçoar-se ainda mais com o Professor Cav. Rodolfo Naniás em Milão”. André Bello retornaria dez meses depois, de posse de “honrosos attestados de ateliês de Nápoles, Milão e Roma” (Fonte: “O Repórter” n. 18, de 10-06-1906; n. 29 de 26-08-1906 e n. 38 de 09-06-1907)

(2) A firma “Ao Cachimbo Turco”, tradicional estabelecimento comercial com sede em São João Del-Rei, sito à Rua Moreira César (hoje Rua Artur Bernardes) comercializava os mais diversos materiais e equipamentos fotográficos – máquinas marcas Kodak, Agfa, Zeiss, Pathe, além de chapas, filmes, papeis etc.

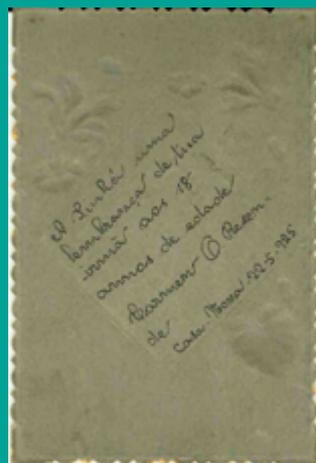
SÃO TIAGUENSES FOTOGRAFADOS POR ANDRÉ BELLO:



Sr. Atonio Pinto Oliveira aos 18 e 21 anos



Sr.ª Carmem Oliveira Reis aos 19 anos



Sr. Marcos de Oliveira Braga



Dr. Júlio Ferreira de Carvalho – 1910

DANTE ALIGHIERI, O MAGISTRAL AUTOR DE “A DIVINA COMÉDIA” - 700 ANOS DE FALECIMENTO (1321-2021)



O célebre escritor italiano Dante Alighieri nasceu em Florença aos 25/05/1265 e faleceu em Ravenna aos 14/09/1321, vítima de malária, sendo aí sepultado na Basílica de São Francisco. Considerado o primeiro e maior poeta de língua italiana da literatura medieval. Autor consagrado do poema “A Divina Comédia”, um dos clássicos da literatura mundial, onde relata uma viagem imaginária ou metafísica (psicométrica) aos reinos do inferno, purgatório e paraíso, acompanhado por Virgílio, encontrando, em seu itinerário, mortos ilustres do passado e de sua época, com discussões temáticas sobre a fé, razão, ciência, religião, amor, paixões...

Dante era filho do casal Alighieri e Bella, importante família aristocrática da época, tendo ficado órfão de mãe ainda criança. Cresceu no bairro de San Pier Maggore, convivendo aí com Beatrice, menina de 9 anos, de quem se enamorara e com quem fizera juras de amor e projetos para o futuro. Beatrice faleceria precocemente (1290) e de quem Dante jamais se esqueceria, sendo ela a destinatária dos mais belos versos saídos da lavra do proeminente poeta. Entre 1275 e 1282, estudou nos conventos de Santa Croce e Santa Novella, sobressaindo-se pelo interesse para com os textos bíblicos e os clássicos greco-romanos, muito especialmente os poetas.

Por determinação paterna, casou-se (1285) com Gemma Di Manetto Donati, filha de ricos aristocratas com quem teve 4 filhos. Ainda jovem, começa a escrever os primeiros sonetos, tornando-se amigo de poetas como Brunetto Latini, Guido Cavalcanti e o célebre pintor Giotto.

Outras Obras: “La Vitta Nuova” (1292) – poemas onde exalta a imagem de Beatrice, a quem prometera dizer “o que jamais disse de mulher alguma”

“Il Convivio” (1304/1307) Canções filosóficas – 15 tomos

“De Vulgari Eloquentia” (1305/1307), escrita em latim

“De Monarchia” (1310) tratado político

Exerceu as funções de conselheiro do Colégio dos Priores em Florença, sendo acusado de corrupção e condenado à morte na fogueira (1302), forçando-o a se exilar, o que o levou a um périplo forçado e a viver em inúmeras cidades: Forli, Verona, Veneza, Pádua, Paris, Bologna, Verona, Ravenna. Seria uma época fértil, senão prodigiosa, tendo Dante produzido, nesse período, exuberantes obras, todas da mais alta eloquência e erudição.

A obra de Dante é tema exaustivamente abordado por eminentes pesquisadores e estudiosos como René Guenon (sua obra “O Esoterismo de Dante” é uma das mais lidas e citadas mundialmente), Gabrielle Rossetti, Eugene Aroux, Arturo Reghini, Adriano Lanza (“Dante e a Gnose”), Eliphas Levi (“História da Magia”) etc. Aventa-se a possibilidade de Dante ter sido rosacruz, maçom, cabalista, templário, gnóstico etc., enfim, especulações de toda ordem, que

enriquecem os estudos sobre o notável gênio florentino.⁽¹⁾

A Divina Comédia - Sua obra prima “A Divina Comédia” foi dada a público em 1317 (1ª parte), a 2ª parte em 1319 e a 3ª após a sua morte. Escrita em florentino, contendo uma síntese do conhecimento científico, filosófico e teológico da Idade Média. Poema épico alegórico em 3 partes (inferno, purgatório, paraíso) composto por 100 cantos em tercetos, cada parte com 33 cantos e mais uma abertura, formando o n. 100, à época o símbolo da perfeição. Personagens: o

© ALFRED DAGLI ORTI—REX/SHUTTERSTOCK.COM/ DIVULGAÇÃO



próprio Dante, o poeta Virgílio, Beatriz, o amor adolescente de Dante; o autor faz menção, ao longo do poema, a vários personagens da história antiga, bíblica e mitológica e a figuras conhecidas da vida florentina do século XIV. Estruturalmente, o poema é simples. conteúdo axiológico religioso, dentro dos padrões medievais. O poeta é o narrador que afirma estar perdido numa floresta escura (o pecado) na 6ª feira da Paixão do ano 1300, atacado por feras, desorientado, encontrando-se com o Espírito de Virgílio (70 a.C- 19 a.C), o maior dos poetas épicos, que o salva e o conduz inicialmente aos horrores do inferno, onde à entrada ou portal, achava-se a tenebrosa advertência: “Perante mim, não há coisa criada / sem ser eterna e eu eterno duro / deixai toda esperança, vós que entráis” (Inferno III, 7-9) ⁽²⁾ Ali, já na região periférica (ante-inferno), Dante encontra as almas omissas, opacas, que, em vida, não se comprometeram com o bem, agora ali correm de maneira fútil, dia após dia, atacadas por vespas ferozes que as atezam e as picam.

INFERNO - No inferno, passam por diferentes anéis (nove círculos) onde se acham pecadores de acordo com os tipos de pecados cometidos em vida. O cenário é uma forma de taxonomia do mal-humano, onde a fraude, a corrupção, a perversão (pecados punidos no oitavo círculo do inferno) são vistos como uma afrontosa oposição à lei de Deus e punidos da forma mais severa possível. 1º círculo – virtuosos pagãos – o limbo; 2º círculo – vale dos ventos – luxúria; 3º círculo – lago de lama – gula; 4º círculo – colinas de rocha (ganância); 5º círculo – rio Estige – ira; 6º círculo – cemitério de fogo – heresia; 7º círculo – vale de Flegetonte – violência; 8º círculo – o Malebolge – fraude; 9º círculo – lago Cocite – traição

PHOTOS.COM/GETTY IMAGES/ DIVULGAÇÃO



No canto XXXVI, o autor encontra-se com Ulisses, o célebre guerreiro e nauta na visão de Homero (A Odisseia), mas ali incriminado como fraudador, punido(s) com línguas de fogo. No Canto XIX, Dante faz alusões aos Cavaleiros Templários e critica o nepotismo da Igreja de Roma, os crimes de simonia (comercialização de bens sacros), ali encontrando o Papa Nicolas II, que pontificou entre 1059 e 1061, anunciando ainda a chegada de mais dois: Bonifácio III, falecido em 1303 e Clemente V, falecido em 1314, este um personagem política e historicamente infamante, que junto ao rei francês Felipe IV decretaram a morte na fogueira de Jacques de Molay, o último grão-mestre dos Cavaleiros Templários, e de seu preceptor Geoffrey de Charney, pilhando, a seguir, os tesouros da Ordem Templária⁽³⁾. Clemente V fora anteriormente arcebispo de Bordéus, França, elegendo-se Papa em 1305 com o apoio do sanguinário monarca francês. O rei francês fora à bancarrota, após financiar a fracassada última cruzada (os árabes tomaram Jerusalém em 1309), voltando sua ganância para os templários, prendendo-os e levando vários à morte ignominiosa na fogueira, inclusive Jacques de Molay. Dante denomina Clemente V de “pastor sanza legge” (pastor sem lei, ilegítimo) e ainda de “puttaneggiaricoi regi” (rameira do imperador).

Trecho: *No meio do caminho desta vida / me vi perdido numa selva escura / solitário, sem sol e sem saída / Ah, como armar no ar uma figura / desta selva selvagem, dura, forte / que, só de eu a pensar, me desfigura ?! / É quase tão amargo como a morte / mas para expor o bem que encontrei / outros dados darei da minha sorte / Não me recordo ao certo como entrei / tomado de uma sonolência estranha / quando a vera vereda abandonei* (Inferno – Canto I).

Região, em suma, apavorante, sombria – tema que seria tratado em séculos porvindouros por outros autores como G. Vale Owen (1869-1931), sacerdote anglicano autor do best seller “The life beyond the veil” (“A vida além do véu”) e nos tempos mais recentes por autores como Yvonne A. Pereira (“Memórias de um suicida”), Chico Xavier (“Nosso Lar”) e dezenas de outras publicações congêneres⁽⁴⁾

PURGATÓRIO - Ascendem, a seguir, à montanha do purgatório, localizada em uma ilha rochosa, no lado extremo do mundo, onde se encontram as almas que aguardam avaliação (se irão para o paraíso ou o inferno). O purgatório é formado por sete círculos,

representando os pecados capitais (orgulho, inveja, ira, preguiça, avareza, gula, luxúria).

Trecho: *“Do engenho meu a barca as velas solta / para correr agora em mar jucundo / e ao despidoso pego a popa volta / Aquele reino cantarei segundo / onde pela alma a dita é merecida / de ir ao céu livre do pecado imundo / Ressurja ora a poesia amortecida / ó Santas Musas, a quem sou votado / unir ao canto meu seja servida / Caliope o som alto e sublimado / que às Pegas esperar não permitira / lhes fosse o atrevimento perdoado”* (Purgatório – Canto I).

PARAISO - No céu, Dante é guiado por Beatriz através de nove esferas, quatro delas representando as virtudes cardeais (prudência, fortaleza, justiça, temperança) e as três virtudes teológicas; a oitava representa a igreja triunfante e a última os anjos e doutores da Igreja. O autor nos evoca, a todo momento, a importância da salvação, do amor, o cumprimento dos preceitos divinos. Atingindo o último círculo do paraíso (céu cristalino) adquire-se a iluminação, a compreensão plena do mundo angélico e da Suprema Alma (Deus).

Trecho: *“A glória de quem tudo, aos seus acenos / move o mundo penetre e resplandece / em umas partes mais em outras menos / No céu onde sua luz aparece / portentos vi que referir, tornando / não sabe ou pode quem à terra desce / Pois, ao excelso desejo se acercando / a mente humana se aprofunda tanto / que a memória se esvai, lembrar tentando / Os tesouros, porém, do reino santo / que arrecadar-me pôde o entendimento / serão matéria agora de meu canto”* (Paraíso – Canto I)

ECLECTICLIGHT.CO/ DIVULGAÇÃO





Amor – “Dante encontra Beatriz na ponte de Santa Trinità”:
pintura de 1883 de Henry Holiday

NOTAS

(1) Para muitos estudiosos, “A Divina Comédia” é um poema iniciático, apresentando a visão da Igreja Medieval e da tradição judaica – mundos material, espiritual e celestial. Representa o que de melhor foi produzido pelo pensamento medieval, tanto no campo da filosofia religiosa admitida pela Igreja (em especial o pensamento de São Tomás de Aquino) quanto nas teses gnósticas, maçônicas e cabalistas, ao lado da filosofia aristotélica e escolástica. O autor utiliza-se, ademais, da interpretação ptolomaica do cosmos – os sete planetas conhecidos (Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter, Saturno, além do sol e da lua).

(2) Os cantos do Inferno provocam ainda hoje maravilhamento na maioria dos estudiosos, influenciando escritores, artistas e mesmo cientistas ao longo dos séculos, como nos tempos atuais T.S. Elliot, Mandelstam, Jorge Luis Borges, Carl Jung ... Até mesmo o nosso Machado de Assis, profundo leitor e estudioso da obra dantiana, chegou a traduzir partes de “A Divina Comédia”. O filme “A Divina Comédia”, lançado em 1991, realização do cineasta português Manoel de Oliveira, é um drama baseado na obra de Dante Alighieri. Segundo o escritor Victor Burton, atual presidente da ABL, a preferência dos ilustradores, artistas plásticos e pintores pelo inferno tem uma explicação simples: nele, “o poeta é muito descritivo, criando imagens sedutoras, valendo-se de descrições ricas e imagéticas, numa linguagem em que as palavras remetem a realidades que ressoam na memória dos homens”. As imagens “infernais” moldaram-se (acham-se moldadas, pictorizadas) no inconsciente coletivo, mercê da representação e aparato religioso medieval, que impingia terror, medo, repressão às pessoas.

A Divina Comédia” é a obra literária mais ilustrada de todos os tempos. Assim pintores e artistas, ao longo dos séculos, retratam-lhe inúmeras passagens, a exemplo de: Sandro Boticelli (“Visão do inferno”) / Henry Holiday (“Dante encontra Beatriz na ponte de Santa Trinità” – 1883) / Domenico de Michelino (“Dante entre a montanha do purgatório e a cidade de Florença”) // Gravuras de Salvador Dalí, Tom Phillips, William Blake. Gustavo Doré....

(3) Dia 18 de março de 1314 – morre Jacques de Molay, grão mestre da Ordem dos Templários, mandado queimar por Felipe IV, rei da França e pelo papa Clemente V. Ambos, rei e papa, e ainda o terrível inquisidor Guilherme de Nogaret morreriam menos de um ano após o martírio de Jacques de Molay, criando-se a lenda da maldição.

O nobre francês Jacques de Molay, 23º e último Grão-Mestre da Ordem dos Templários, foi morto na fogueira juntamente com seu preceptor Geoffrey de Chaucer, acusados de várias heresias, dentre elas de infidelidade à Igreja, idolatria etc. O motivo de tais acusações, na verdade, segundo historiadores isentos, era a ambição do rei Felipe IV, o Belo e do Papa Clemente V pelas valiosíssimas posses da Ordem Templária, que passaram, com a morte dos grãos-mestres e extinção da Ordem, ao estado francês. Há insinuações de que os papas Bonifácio VIII e Bento XI, anteriores a Clemente V, foram assassinados a mando do ambicioso rei Felipe IV, porquanto recusaram submissão ou cumplicidade ante as pretensões desmesuradas do monarca francês.

A Ordem dos Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão, conhecida ainda como Ordem do Templo, Ordem dos Cavaleiros Templários ou simplesmente Templários foi fundada em Jerusalém (1119), tendo como seu 1º Grão Mestre Hugo de Payens e ainda Godofredo de Saint-Omer. Extinta formalmente com a prisão e holocausto de seus membros (1314) e posteriormente transformada na “Ordem de Cristo”

(4) Para alguns analistas e religiosos, o personagem Gregório (livro “Libertação” André Luis/Chico Xavier) reporta ao Papa Gregório IX que pontificou entre 1227 e 1241, promovendo salutar reformas na Igreja de então, escoimando-a dos poderes políticos feudais; deixou-se envolver, todavia, pelo autoritarismo e personalismo, organizando a chamada Inquisição Pontifícia e estimulando cruzadas. Foi ele, contemporâneo e amigo de S. Francisco de Assis, e quem reconheceu a Ordem Franciscana. Fica o registro.

PAULO FREIRE ATUALÍSSIMO

Segundo dados oficiais, o Brasil tem hoje 11 milhões de analfabetos e ainda 70 milhões sem o ensino básico (o que corresponde a 53% da população adulta).

O professor e filósofo Paulo Freire dedicou sua existência ao esforço de alfabetização, trabalho realizado principalmente entre trabalhadores rurais e operários. Perseguido pelo regime militar, teve que se exilar em vários países dentre eles Chile, Estados Unidos (onde lecionou em Harvard) Suíça etc.

Evoluímos muito, no tocante à educação básica, mas ainda somos uma sociedade elitista que só valoriza o ensino superior (leia-se diploma/títulos) tanto que Freire, ao retornar do exílio – após suas andanças pelo mundo – espantava-se por sermos uma sociedade machista, discriminatória e persecutória dos outros. Talvez o pensador brasileiro mais conhecido no mundo e combatido cegamente pelo atual governo (bolsonarista) tenha a mais funda razão!

Pregava ele a chamada pedagogia da escuta, do diálogo, de se encontrar soluções em conjunto, onde todos podem ensinar e aprender. O educar pela mutualidade, pela intercooperação.

Os sistemas de ensino se colapsaram (veja a situação atual da aprendizagem no período da pandemia) porque não aplicam “o escutar, o diálogo como movimento de ensino e aprendizagem”, não levando tecnologia e inserção digital às crianças brasileiras em especial as oriundas de classes populares.

Afirmava Paulo Freire que educação não é para fazer a cabeça das pessoas e sim fortalecer a consciência, autonomia e o diálogo social, tornar o cidadão um ator coletivo, incluyente.

O resgate da cultura popular, da realidade cotidiana como matéria prima da educação. A reflexão-ação, a prática efetiva da cidadania!

Suas obras foram traduzidas em dezenas de idiomas, agraciado com 41 títulos honoris causa e cerca de 600 escolas e centros de pesquisas levam o seu nome em todo o mundo.

Por que não ouví-lo e inserí-lo em nossos processos educacionais?!



APELIDOS EM SÃO TIAGO

Autor: Tiago do Rosário Mendes Santiago – Tiago do Béco.

U – Uva

V – Vandico, Vandeco

X – Ximbica, Xexéu, Xande, Xica

Z – Zé Cuité, Zé do Salgado, Zé Jiló, Zé Fubá, Zé Chico, Zé Leitão, Zé Linguíça, Zé Fordinho 29, Zé Almeida, Zé da Joana, Zé Juca Pereira, Zé da Alcemira, Zé da Nhá, Zé Fininho, Zé Ica, Zé do Cartório, Zé Fostino, Zé Gominha, Zé Balaio, Zé Repôlho, Zé Orelha, Zé Padre, Zumba, Zum, Zé Relógio, Zé Galinha, Zé Piru, Zeca do Caminhão, Zéca do Dié, Zé do Correio, Zezinho do Caminhão, Zé Sacristão, Zizi Mata, Zinho Mata, Zizi da Lúcia, Zezé da Rosa Caputo, Zezé do Zé Ica, Zaurinho Caputo, Zenan Caputo, Zanzinho Caputo, Zito da Farmácia, Zito Tumé, Zé Mané, Zezino do Hélio, Zizinho, Zinho do Zito.

8 pontos para distinguir o envelhecimento normal de Alzheimer

Mudanças normais do envelhecimento podem ser confundidas com os primeiros sintomas do desenvolvimento do Mal de Alzheimer; saiba como diferenciá-los.

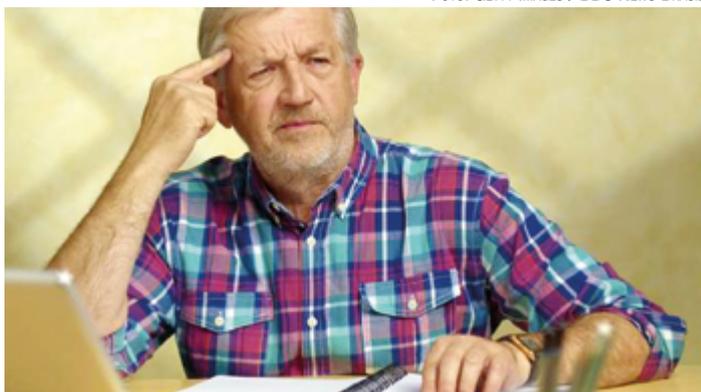
Inés Moreno e José A. Reyes - The Conversation*

Quer queiramos ou não, o passar dos anos afeta todos nós. Inevitavelmente, o envelhecimento envolve uma série de mudanças consideradas normais, que se enquadram no que chamamos de envelhecimento bem-sucedido.

No entanto, não é incomum confundir alguns desses sinais de envelhecimento — principalmente o esquecimento — com os primeiros sintomas do desenvolvimento do Mal de Alzheimer, uma doença neurodegenerativa progressiva que afeta muitas funções, principalmente a memória e o aprendizado.

Compilamos 8 aspectos principais que nos permitem distinguir claramente os sintomas da doença de Alzheimer das alterações associadas ao envelhecimento normal.

FOTO: GETTY IMAGES / BBC NEWS BRASIL



Envelhecimento envolve uma série de mudanças consideradas normais, que se enquadram no que chamamos de envelhecimento bem-sucedido

1. PERDA DE MEMÓRIA VS. TEMPORARIAMENTE ESQUECER ALGO

Ocasionalmente, esquecer nomes de pessoas e lembrar mais tarde não é motivo para alarme.

FOTO: GETTY IMAGES / BBC NEWS BRASIL



Ocasionalmente, esquecer nomes de pessoas e lembrar mais tarde não é motivo para alarme

Pode haver várias causas relacionadas a problemas imediatos de memória, muitas vezes a falta de atenção ou concentração.

Esses déficits podem ser transitórios e decorrentes de ansiedade, estresse ou efeito de algumas drogas.

No caso de pacientes com Alzheimer, a perda de memória ou a amnésia é um dos sintomas mais comuns.

Não é transitório e tende a piorar com o tempo.

O habitual é esquecer as informações recém-aprendidas, como datas ou eventos, e pedir as mesmas coisas continuamente.

2. DESORIENTAÇÃO NO TEMPO OU LUGAR VS. NÃO LEMBRAR A DATA ATUAL

É considerado normal, e não apenas envelhecimento, esquecer prontamente o dia em que estamos.

Em situações estressantes (ou desejos de que o fim de semana chegue logo), confundimos o dia em que vivemos.

Em pacientes com Alzheimer, ao contrário, há desorientação temporal e espacial.

Isso implica que se esquecem as datas (muitas), até mesmo o ano atual ou o de nascimento.

Também têm dificuldade em chegar a um local conhecido e muitas vezes não se lembram de onde estão ou como chegaram, correndo o risco de se perderem.

FOTO: GETTY IMAGES / BBC NEWS BRASIL



Alterações neurofisiológicas tornam difícil processar operações mentais, incluindo simples conversas

3. AFASIA VS. ESQUECER A PALAVRA EXATA

Já aconteceu com todos nós: por vezes, não nos lembramos de uma palavra específica e a colocamos "na ponta da língua".

Normalmente, mais tarde, ou mesmo no dia seguinte, o termo de repente vem à mente.

Nada alarmante...

A afasia aparece no Mal de Alzheimer. Seus sintomas iniciais são dificuldade de comunicação e fala.

Isso afeta a expressão das palavras (pacientes com Alzheimer não encontram a palavra certa ou se repetem muito), e gera erros

na ordem das palavras e na escrita.

4. ALTERAÇÕES DE COMPORTAMENTO VS. MAU HUMOR

Quem nunca teve um dia ruim?

O estresse diário, os problemas do dia a dia e as preocupações podem mudar temporariamente nosso humor, tornando-nos irritáveis ou apáticos.

Às vezes, ficamos até com raiva quando somos forçados a mudar uma de nossas rotinas.

O Alzheimer vai mais longe.

Pode causar alterações psicológicas e comportamentais, como ansiedade, depressão, agitação, agressividade, irritabilidade, alterações emocionais, delírios, alucinações, deambulação e até distúrbios do sono e do apetite que não podem ser explicados por outros motivos.

FOTO: GETTY IMAGES / BBC NEWS BRASIL



Eles podem gastar ou até mesmo dar dinheiro injustificadamente, ou dar menos atenção aos cuidados pessoais.

FOTO: PM IMAGES/GETTY IMAGES / BBC NEWS BRASIL



Pessoas com Alzheimer geralmente perdem objetos, mas são incapazes de refazer seus passos para encontrá-los

5. OBJETOS PERDIDOS VS. PERDA ÚNICA

Onde deixei as chaves do carro?

Normal. Fazemos várias tarefas e, às vezes, automaticamente.

Quando queremos lembrar onde colocamos a chave, nossa memória falha.

Porém, conseguimos lembrar o que fizemos ao entrar em casa e perceber que fomos direto para a cozinha e, lá estão as chaves, no balcão.

Pessoas com Alzheimer geralmente perdem objetos, mas são incapazes de refazer seus passos para encontrá-los.

Além disso, muitas vezes chegam a acusar outras pessoas de roubá-los por não se lembrarem que foram elas que os deixaram ali.

6. FALTA DE JULGAMENTO VS. DECISÕES RUINS

Todos nós tomamos decisões erradas, devido à falta de experiência ou impulsividade.

Já os portadores de Alzheimer apresentam comportamentos anormais ou inadequados à situação em que se encontram, problemas no planejamento de suas tarefas ou finanças e dificuldades na resolução de problemas.

7. APATIA E ISOLAMENTO SOCIAL VS. PERÍODOS DE CANSAÇO

Um dia cansativo, cansaço ou falta de sono devido a todas as obrigações que temos, podem nos transformar temporariamente em pessoas mais acolhedoras e com menos vontade de participar de atividades sociais.

Não é o que acontece com os pacientes com Alzheimer, longe disso.

No caso deles, a realização de atividades sociais ou esportivas é um desafio.

Eles podem até se tornar retraídos em situações em que são expostos a outras pessoas.

8. DIFICULDADE EM TAREFAS HABITUAIS VS. AJUDA COM TAREFAS COMPLEXAS

É normal que os idosos precisem de ajuda para tarefas complexas ou tarefas às quais não estão acostumados, como usar um telefone celular ou programar um controle remoto.

Porém, quando afeta significativamente o desempenho das atividades diárias como fazer compras, manusear dinheiro ou contas bancárias, administrar medicamentos, comparecer a consultas médicas ou organizar uma viagem, por exemplo, podemos nos encontrar no início de um estado patológico.

Em estágios avançados, pode afetar tarefas mais básicas, incluindo se vestir, cuidar da higiene, o manuseio na cozinha, etc.

Diagnóstico profissional

Dito isso, cabe esclarecer que a presença de apenas um desses sintomas não é suficiente para a suspeita de Alzheimer. Você deve sempre ir a um médico para obter um diagnóstico profissional.

Embora não exista cura para o Alzheimer hoje, sua detecção precoce é fundamental para um melhor tratamento sintomático e para a manutenção de uma melhor qualidade de vida durante a evolução da doença.

***Inés Moreno González é professora e pesquisadora de Doenças Neurodegenerativas da Universidade de Málaga e José Antonio Reyes é neurologista do Hospital Universitario Regional de Málaga, do Serviço de Saúde Pública de Andaluzia.**

Este artigo foi publicado originalmente no The Conversation e é repostado na BBC News Brasil sob uma licença Creative Commons.

O DIA EM QUE O PAPA “VISITOU” SÃO TIAGO

Achava-se o Papa João Paulo II,⁽¹⁾ naqueles alvoroçados dias, ano de 1980, em visita e peregrinação pelo Brasil.⁽²⁾ Nação e povo, em particular o rebanho católico, todos empolgados e envolvidos na recepção ao ínclito Pastor em nosso redil, considerado então o país de maior número de católicos no mundo. As dioceses e paróquias, ainda que nos mais distanciados rincões, tinham anunciado amplamente e preparado os fiéis para tão magno evento e do mais alto significado espiritual. Um clima e clímax de religiosidade, de comoção se estendia dentre todos os corações. De igual forma, a mídia – televisão, rádios, jornais, revistas – emprestavam a mais pródiga e copiosa cobertura aos deslocamentos do Papa pelo País e às suas substanciosas homilias.

Em São Tiago e região circundante, a visita do Sumo Pontífice era o principal assunto das rodas, das missas e demais ofícios religiosos, das pessoas em geral. CZ, um controvertido paroquiano, lá com suas instabilidades e arroubos de natureza emocional-espiritual, entusiasmou-se sobremaneira ante a presença do Papa entre nós. O Cristo personificado, assim anunciava o paroquiano. Dado a enlevos de cunho religioso, “entendido” em Bíblia a qual manuseava compulsivamente, terçava frequentemente, às turras, com evangélicos, (crentes, como dizem muitos), em acirradas contendas exegéticas, tentando “derrota-los” e às suas “heresias”, mediante citações, paráfrases e demonstrações, muitas vezes confusas e alteradas.

Uma das passagens que apreciava recitar e exibir eram trechos da Epístola de S. Paulo a Tito (Tt 1, 10-16) sobre os vícios dos cretenses, habitantes de Creta, e que o nosso bulhento “teólogo” fazia questão de ler, exibir, proclamar em alta voz como vícios dos “Crentes”. Dessa forma, outros excertos, como a que Cristo diz a S. Pedro “Sobre esta pedra, edificarei a minha Igreja”, configurando que o Papa era o único e legítimo representante de Cristo dentre os homens. Tema que engendrava convulsas polêmicas e animosidades entre as partes.

Eis que nosso amigo, no auge da excitação, nas raias do delírio e arrebatamento, cisma que o Papa viria até São Tiago. Bíblia inseparável à mão, fotos e pôsteres do Pontífice, desloca-se pelas ruas da cidade, daí à zona rural, povoados, chegando ao distrito de Mercês de Água Limpa. Participava a todos a vinda do Sumo Pontífice a São Tiago e convidava a todos para comparecer a tão marcante momento. Era ele, pessoa assaz conhecida, pedreiro de profissão, trabalhando com a colher e o prumo, e enquanto assentava tijolos, chapiscava paredes, jogava doutrinação dentre companheiros de ofício e pessoas à sua volta, por toda a região. E granjeara, por conseguinte, respeito como “entendido” bíblico.

Em seu êxtase, nesse interim, consegue convencer a dezenas de moradores que se arregimentam, alugam caminhões e - assim e outrossim - homens, mulheres, crianças, até autoridades como o delegado Antenor, saem de Mercês à tarde e ei-los em São Tiago.

CZ, preparara antes o ambiente. Estimulara e coordenara um grupo de fiéis, residentes no bairro do Cruzeiro, quanto à promoção de uma primorosa festa, incluindo missa, em honra a Nossa Senhora de Fátima, santa de especial devoção do Papa. Igreja de S. Sebastião ornamentada. Ruas decoradas: bandeirolas, flâmulas, fotos de Sua Santidade, repiques de sinos, fogos de artifícios...

Nisso, chegam as caravanas de Mercês de Água Limpa e de outras comunidades circunvizinhas. Observam o momento festivo, solene. Compartilham das festividades sacras. E dúvidas, que passam a angústias...

Mas...e o Papa? A que horas chegaria? Perguntam uns aos outros, ninguém tinha a menor noção do assunto. Percebem que caíram num logro. Decerto, desvarios de CZ.

Hora de retornar. Muitos “romeiros”, jovens principalmente, queriam ficar na cidade. Aproveitar a esticada feita forçosamente até a sede do município. Bailes, barracas, algo de novo em que pudessem

“pintar”... Antenor, o delegado e um dos responsáveis pela frustrada “romaria”, teve muita dificuldade em colocar e acondicionar o pessoal nos caminhões, noite densa, estrada esburacada e poeirenta, rumo à Capelinha.



NOTAS

1 - Karol Josef Wojtyła, o Papa João Paulo II, nasceu em Wadowice, pequena cidade da Polônia em 18/05/1920. Estudou em Cracóvia, onde, durante a II Guerra Mundial, frequentou seminário clandestino. Após o conflito, cursou teologia na Universidade de Jaguelônica. Ordenado padre em 01/11/1946. Doutorou-se em Teologia pela Universidade Católica de Lublin. Nomeado bispo auxiliar de Cracóvia em 1958 e seu arcebispo a partir de 1964. Cardeal em 1967, tendo participado ativamente da Igreja em seu país e junto ao Vaticano. Eleito Papa em 16/10/1978, o primeiro papa não italiano desde 1523. Autor de várias obras (poesias, peças de teatro, filosofia, ética) e encíclicas.

Como Papa, realizou inúmeras viagens pelo mundo, tendo grande influência na queda do regime comunista no leste europeu. Ferido gravemente em 13/05/1981, em plena praça da Santa Sé, por um terrorista turco. Faleceu aos 84 anos, dia 02/04/2005, vítima de Mal de Parkinson.

2 - O Papa João Paulo II esteve várias vezes no Brasil. Fez-se presente, a primeira vez, de 30/06 a 12/07/80, em várias capitais, inclusive Belo Horizonte que visitou dia 01/07/1980, onde proferiu homilia, ao pé da Serra do Curral, hoje conhecida como praça do Papa. Nessa primeira estada, beatificou, entre nós, o Pe. José de Anchieta e participou do X Congresso Eucarístico Nacional em Fortaleza, CE.

Uma segunda visita, não oficial, em 1982, quando de passagem e escala no Rio de Janeiro em direção à Argentina.

A terceira, no período de 12 a 21/10/1991, quando fez uma visita especial à Irmã Dulce em Salvador, BA. A quarta e última, no período de 02 a 05/10/1997, oportunidade em que celebrou missa campal no Aterro do Flamengo, estando presentes 2 milhões de fiéis.

Curiosidade: O Papa João Paulo II, um notável pastor e peregrino da fé, visitou o Santuário de Santiago de Compostela, na Espanha, em novembro de 1982 e agosto de 1989.